

# PERFIL DO JORNALISTA DO NORTE 2023



Características sociodemográficas,  
políticas, de saúde e do trabalho

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC  
REDE DE ESTUDOS TRABALHO E IDENTIDADE DOS JORNALISTAS (RETIJ/SBPJOR)

# Perfil do Jornalista do norte 2023

Características sociodemográficas,  
políticas, de saúde e do trabalho

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC)

Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH)

Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política (PPGSP)

Laboratório de Sociologia do Trabalho (Lastro)

Centro de Comunicação e Expressão (CCE)

Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPGJOR)

Projeto de pesquisa financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), processos 422609/2021-8 e 316093/2021-1.

Coordenação

Prof. Dr. Jacques Mick – PPGSP e PPGJOR (UFSC)

Profa. Dra. Janara Nicoletti – objETHOS/PPGJOR (UFSC)

Prof. Dr. Samuel Pantoja Lima – PPGJOR (UFSC - Coord. Geral)

Comitê de Pesquisa RETIJ/SBPJor:

Edgard Patrício (PráxisJor/UFC Nordeste), Guto Moliani (CPCT/ECA-USP Sul), Marluce Zacariotti (UFT Norte), Fabio Pereira (FAC/UnB Centro-Oeste), Rafael Paes Henriques (UFES Sudeste) e Janaina Visibeli (CPCT/ECA-USP Sudeste).

Equipe de Pesquisa: Abinoan Santiago (PPGSP/UFSC), Carlos Marciano (objETHOS/UFSC), Clarissa Peixoto (objETHOS/UFSC), João Paulo Mallmann (PPGJOR/UFSC), Kalianny Bezerra (PPGJOR/UFSC), Kevin Willian Kossar Furtado (PPGSP/UFSC), Mariane Nava (PPGJOR/UFSC), Vinicius Bressan (PPGJOR/UFSC).

Bolsista de Apoio Técnico: Luisa Meurer Tavares (CNPq/UFSC).

Edição e produção gráfica

Quorum Comunicação

Capa

Rosana Pozzobon

# Perfil do Jornalista do norte 2023

Características sociodemográficas, políticas, de saúde e do trabalho

Samuel Pantoja Lima (Coord. Geral)

Marluce Zacariotti (UFT)<sup>1</sup>

Abinoan Santiago dos Santos<sup>2</sup>

Rodolfo Marques (UNAMA)<sup>3</sup>



---

1 Doutora em Educação (PUC-Go); Mestre em Ciências da Comunicação (ECA/USP); especialista em Gestão da Comunicação (ECA/USP); Jornalista (UFG). É Professora adjunta do curso de Jornalismo (UFT); vice coordenadora do mestrado Profissional em Educação (UFT). Coordenadora do Núcleo de Pesquisa, Extensão e Prática Jornalísticas (UFT) e vice coordenadora da Rede de Pesquisa Trabalho e Identidade do Jornalista -Retij/SBP, ... É presidenta da Associação Brasileira de Ensino de Jornalismo (Abej). Líder do grupo de pesquisa Comunicação, Sociedade e meio ambiente (CNPq). E-mail: marluce@uft.edu.br. ORCID: 0000-0002-4834-1088.

2 Doutorando em Sociologia Política na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), mestre em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e bacharel em Jornalismo pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). E-mail: abinoamsantiago@gmail.com.

3 Docente da Universidade da Amazônia (UNAMA) e da Faculdade de Estudos Avançados do Pará. Doutor em Ciência Política pela UFRGS. Mestre em Ciência Política pela UFPA. Docente de Pós-Graduações Lato Sensu do Grupo Ser Educacional. Integrante do Grupp – Grupo de Pesquisa em Propaganda e Publicidade (CNPq-Capes). Diretor Regional Norte II da ABEJ. E-mail: rodolfo.smarques@gmail.com. ORCID: 0000-0002-5855-0393.

P438 Perfil do jornalista do Norte 2023 [recurso eletrônico] : características sociodemográficas, políticas, de saúde e do trabalho / Samuel Pantoja Lima (Coord. Geral); Marluce Zacariotti ... [et al.]. – 1. ed. – Florianópolis : Quorum Comunicação, 2023.

Formato: PDF

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: <https://perfildojornalista.ufsc.br/>

ISBN: 978-85-63190-27-7 (e-book)

1. Jornalismo – Brasil, Norte – Pesquisa. 2. Jornalistas – Brasil, Norte – Aspectos sociodemográficos. 3. Jornalistas – Brasil, Norte – Aspectos políticos. 4. Jornalistas – Brasil, Norte – Indicadores de saúde. 5. Mercado de trabalho – Brasil, Norte – Indicadores. I. Lima, Samuel Pantoja.

CDU: 07.01-057

*Catálogo na publicação por: Onélia Silva Guimarães CRB- 14/071*

# SUMÁRIO

SUMÁRIO .....	5
Apresentação .....	7
1 Introdução e metodologia .....	9
1.1 Contexto do Norte.....	13
2 Características sociodemográficas dos jornalistas .....	28
3 O trabalho dos jornalistas na mídia, fora da mídia e na docência .....	47
3.1. O trabalho dos jornalistas na mídia.....	47
3.2 - O trabalho dos jornalistas fora da mídia.....	53
3.3 - O trabalho dos jornalistas em docência .....	59
4 Características gerais do trabalho, indicadores de saúde e segurança .....	64
4.1 - Indicadores de saúde laboral e segurança .....	70
5 Satisfação no trabalho, perspectivas de futuro, crença e religião .....	81
5.1. Crença, religião e características políticas.....	90
6 Qualidade de vida no trabalho, indicadores de precarização e valores éticos .....	97
7 Código de Ética e valores .....	121
7 Considerações.....	128
Referências .....	133



## Apresentação

Não é novidade que o modo de produzir e de consumir notícias mudou drasticamente com o avanço das tecnologias, plataformas digitais e redes sociais. Diante do atual cenário, o campo do jornalismo enfrenta uma série de desafios, que são uma combinação de antigas e novas questões. Um desses desafios é a transformação do mercado, que resulta na redução de vagas de emprego nas empresas tradicionais de comunicação, no fechamento de veículos, especialmente impressos e na migração para mídias digitais.

As plataformas digitais são tecnologias que intermediam e distribuem conteúdos produzidos por terceiros, como Google, Facebook, Amazon e Microsoft, cujos impactos no jornalismo precisam ser discutidos, uma vez que elas têm se firmado como uma das principais formas de acesso à informação e detêm a maioria dos investimentos publicitários, que, antes, eram destinados aos veículos tradicionais. Isso vem causando uma crise no modelo de financiamento da imprensa, afetando a qualidade, a diversidade da informação jornalística e, como era de se esperar, impactando no perfil do jornalista. Esse quadro de transformações, como nos lembra Fígaro (2018), exige reflexões sobre a produção da notícia, os direitos trabalhistas, as condições de trabalho, os processos produtivos e as relações sociais e éticas entre os profissionais envolvidos.

Desta forma, há muito a se compreender sobre os rumos da profissão do jornalista, o mercado de trabalho e conhecer melhor aqueles que desempenham a função jornalística é um caminho para a problematização que as mudanças em curso requerem. É nesse sentido que se apresenta a pesquisa PERFIL DO JORNALISTA BRASILEIRO 2021: característica demográfica, políticas, de saúde e trabalho, coordenada pelo Laboratório de Sociologia do Trabalho (Lastro/UFSC) e articulada nacionalmente pela Rede de Estudos sobre Trabalho e Profissão (RETIJ), da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor). Como resultado desse trabalho colaborativo, 7.029 jornalistas responderam ao questionário entre 16 de agosto e 1º de outubro de 2021. O objetivo da pesquisa foi tentar compreender quem



são os jornalistas brasileiros e como são suas condições de trabalho nesse contexto desafiador do início da segunda década do século XXI. Para tanto, somaram-se esforços de 17 pesquisadores(as) de todo o país. O relatório nacional apresentou os resultados gerais, publicado pela Quórum Comunicações e disponibilizado no site da UFSC ([RelatorioPesquisaPerfilJornalistas2022x2.pdf \(ufsc.br\)](#)). Nesta segunda publicação, destaca-se o detalhamento por regiões.

Assim, trazemos, nessa seção, os dados da região norte, que foram compilados da pesquisa nacional do Perfil do Jornalista Brasileiro 2021. O grupo, formado pelos pesquisadores Abinoan Santiago dos Santos, do Amapá (Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC); Marluce Zacariotti, do Tocantins (Universidade Federal do Tocantins-UFT) e Rodolfo Marques, do Pará (Universidade da Amazônia- Unama), utilizou um recorte dos dados da pesquisa nacional, seguindo a metodologia e o modelo padrão do relatório, para descrever as informações da região norte.

Entendemos que esse olhar, a partir das especificidades regionais, pode contribuir para o entendimento de como os profissionais, em diferentes realidades sociais, econômicas e políticas estão se movendo nesse cenário de plataformização do jornalismo.





# 1 Introdução e metodologia

A reconfiguração do jornalismo contemporâneo têm sido tema de inúmeras pesquisas da área nas últimas décadas, em grande medida em função das transformações na produção e na veiculação das notícias. Nesse contexto, a integração tecnológica digital e a convergência midiática desempenham papel central, cujas mudanças impactam diretamente no campo jornalístico, resultando em novos modos de produzir e de consumir notícias, assim como num alargamento das atividades, das competências dos profissionais e de ambientes de trabalho.

Este contexto do processo de mudança do trabalho jornalístico suscita inquietações, que têm norteado diversas pesquisas na área: Como definir os limites da profissão? Como se caracteriza a cultura desses profissionais? Como garantir remuneração justa pelas plataformas digitais? Como regular as plataformas digitais para que elas respeitem os princípios éticos e legais do jornalismo? Como combater a disseminação de fake news e a polarização de discursos nas plataformas digitais? Como fortalecer a mídia independente e alternativa nas plataformas digitais? Como desenvolver competências digitais e críticas nos usuários das plataformas digitais para que eles possam consumir e produzir informação de forma consciente e responsável? (LIMA et.al., 2022). Estas e outras questões aparecem em estudos do campo jornalístico da atualidade, como a descrita neste trabalho.

Saber quem são os jornalistas, como e onde atuam é uma forma de ajudar a responder alguns desses questionamentos, de identificar possibilidades e de ancorar discussões importantes no campo como as condições de trabalho, remunerações, jornadas laborais, diversidade e inclusão no ambiente jornalístico, bem como sobre as práticas, a ética profissional e o exercício da liberdade de imprensa.

Antes mesmo deste boom das tecnologias digitais, o tema da identidade e do perfil dos jornalistas já ocupava as preocupações dos pesquisadores da área. Nos anos 1990, um estudo sobre o perfil do jornalista brasileiro foi coordenado pelo jornalista e professor José Marques de Melo, em parceria com a Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj). Essa pesquisa foi publicada em 1994, no livro “Mídia e Profissão: Perfil do Jornalista Brasileiro”. (LIMA et.al., 2022).



Nessa direção, em 2012, foi realizada a primeira pesquisa “O perfil do jornalista brasileiro: características sociodemográficas, políticas, de saúde e trabalho”, coordenada por Jacques Mick e Samuel Lima, da Universidade Federal de Santa Catarina. Os resultados da enquete online de participação voluntária, com 2731 respostas, indicaram que o total de jornalistas registrados no Brasil entre 1980 e 2010 era de 145 mil, sendo que 25% dos jornalistas no país não possuíam registro profissional. Dos jornalistas brasileiros, 55% trabalhavam nas mídias em veículos tradicionais. Já os profissionais que atuavam fora da mídia, como assessores de imprensa ou comunicação ou em diversas outras funções, representavam 40% dos jornalistas brasileiros, sendo que deste grupo, 68,3% eram assessores de imprensa ou de comunicação. (MICK; LIMA, 2013). Entre as conclusões da pesquisa, destaca-se a migração de profissionais dos meios de comunicação clássicos para as mídias corporativas, que, segundo os pesquisadores, deve-se à precarização e ao “inchaço” das redações pelos profissionais que entram todos os anos no mercado de trabalho.

Outros estudos também tiveram como foco o perfil e/ou a identidade do jornalista, como as realizadas pelo Centro de Pesquisa Comunicação e Trabalho (CPCT/ECA/USP), coordenado pela profa. Roseli Fíguro, em São Paulo, que documentaram as mudanças no mundo do trabalho do jornalista. Uma delas, intitulada “O perfil do jornalista e os discursos sobre o jornalismo - um estudo das mudanças no mundo do trabalho do jornalista profissional em São Paulo”, desenvolvida entre 2009 e 2012, desenhou um perfil dos profissionais a partir do ponto de vista deles sobre o trabalho, abordando, ainda, hábitos culturais e de consumo (FIGARO et.al., 2013). A esta seguiu-se a pesquisa “As relações de comunicação e as condições de produção no trabalho de jornalistas em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia” (FÍGARO, 2018), que buscou mapear veículos alternativos e compreender as relações de comunicação, as condições de produção no trabalho jornalístico e a viabilidade das formas de sustentação destes arranjos econômicos alternativos.

Há também a tese de Maranhão (2014), que resultou no trabalho “O jornalista brasileiro: análise das competências em um contexto de mudança no ambiente profissional provocada pela inserção das Tecnologias da Informação e Comunicação”, cujo objetivo foi investigar como as novas tecnologias afetam o trabalho jornalístico e as competências exigidas dos profissionais<sup>3</sup>. (MARANHÃO, 2014).

Outra pesquisa relevante foi realizada por Pereira (2020), intitulada “As diferentes



maneiras de ser jornalista: um estudo sobre as carreiras profissionais no jornalismo brasileiro”, retrata a profissão e as suas transformações nos últimos quarenta anos, a partir da investigação das carreiras de 32 jornalistas brasileiros.

Essas são algumas iniciativas de investigações que nos ajudam a ampliar as análises e a compreensão sobre os diferentes aspectos da profissão jornalística. Além disso, pesquisas acadêmicas, teses e dissertações têm se dedicado a investigar temas específicos relacionados ao perfil dos jornalistas brasileiros, como a representatividade de minorias, a atuação nas mídias digitais e as implicações da convergência midiática no trabalho jornalístico. (PEREIRA, 2020).

É importante ressaltar que essas pesquisas têm contribuído para o debate sobre a profissão, a formação dos jornalistas e sobre o ecossistema da informação, numa perspectiva de refletir sobre o jornalismo no contexto das transformações da sociedade.

O quadro geopolítico mundial apresenta situações preocupantes de ataques à democracia, de surgimento de grupos de extrema direita, de uso da Internet para disseminação de desinformação, de polarização política e de desrespeito sistemático aos direitos sociais e das minorias. No Brasil, a partir do golpe de 2016, que depôs a presidenta Dilma Rousseff, vivemos um período antidemocrático durante o qual aumentou a violência contra jornalistas (FENAJ, 2020), a proliferação de Fake News e descredibilização do trabalho da imprensa, colocando desafios novos ao jornalismo. Percebeu-se, nesse momento de crise e de tentativa de enfraquecimento do trabalho jornalístico, a reafirmação da importância do papel do jornalismo na garantia do direito cidadão à informação e no fortalecimento da democracia.

Por isso, é salutar discutir a profissão e as imbricações sociais, políticas, econômicas, éticas nos diferentes contextos, espaços e tempos. Ao fornecerem dados atualizados e embasados sobre a área, as pesquisas provocam reflexões acadêmicas, auxiliam na implementação de novas práticas, na ressignificação do fazer jornalístico, e, conseqüentemente, na atuação dos profissionais.

É nessa perspectiva que se insere a segunda pesquisa do “Perfil do Jornalista Brasileiro: características demográficas, políticas, de saúde e trabalho”, realizada em 2021, da qual faz parte este recorte da região norte. Ela buscou identificar as características demográficas,



formação acadêmica, experiência profissional, áreas de atuação e perspectivas sobre o trabalho no campo jornalístico. O estudo, resultado do trabalho de 17 pesquisadores de todas as regiões do Brasil, proporcionou uma visão abrangente sobre os profissionais que compõem a imprensa brasileira, contribuindo para uma análise mais precisa das tendências, desafios e oportunidades enfrentados pela categoria. (LIMA, et.al, 2022).

Seguindo a mesma metodologia da investigação anterior de Mick e Lima (2013), o estudo se deu entre 16 de agosto e 1º de outubro de 2021, por meio de uma enquete em rede (online *survey*), de participação voluntária, pela internet, para traçar o perfil dos jornalistas brasileiros. A equipe de pesquisa, composta por pesquisadores de cinco universidades de diferentes regiões do país, elaborou o questionário de forma colaborativa. As questões foram divididas em blocos temáticos, tais como: a) características demográficas; b) características políticas; c) características gerais do trabalho; d) características específicas do trabalho dos jornalistas em cada um dos três segmentos principais da categoria: os trabalhadores em mídia, os trabalhadores fora da mídia e os docentes; e) indicadores de saúde laboral; e f) indicadores de precarização do trabalho. Foi utilizado o software *SurveyMonkey* para o trabalho de coleta de dados (campo). Por meio de uma pesquisa exploratória feita a partir dos dados fornecidos pela Coordenação de Identificação e Registro Profissional (CIRP/CGCIPE), chegou-se ao universo de 142.424 jornalistas com registro profissional, número utilizado para a definição da amostra. O plano amostral foi ajustado considerando a distribuição provável de jornalistas em cada unidade da Federação. Para tanto, foi adotado como parâmetro o total de registros profissionais de jornalistas emitidos pelo CIRP entre 2000 e 2019, conforme descrevem Lima et.al. (2022).

A base de dados nacional somou mais de 300 respostas de nove estados (SP, MG, SC, RJ, CE, BA, PR, RS e DF) e o volume de resultados em todas as UF permitiu a possibilidade de estudos específicos por região. Assim, foi produzido material suficiente para um estudo nacional, cinco estudos regionais e nove estudos estaduais. (LIMA et.al, 2022).

Do total de 6594 jornalistas que responderam ao questionário, em todos os estados do Brasil, o Norte teve 807 respostas válidas, compondo uma amostra de 122 respondentes.

No quadro 1, observa-se o número de respondentes por estado na região norte.



## Quadro 01 – Respondentes por estado

Estado	Frequência	%
Tocantins	237	29,4
Amazonas	136	16,85
Pará	126	15,6
Amapá	88	10,9
Rondônia	87	10,78
Acre	75	9,29
Roraima	58	7,18
TOTAL	807	100

Fonte: Adaptado da tabela elaborada pela equipe nacional.

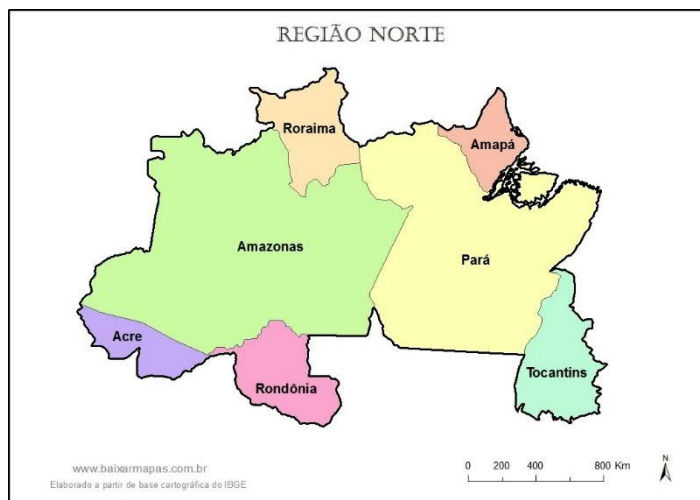
Os dados, já minerados, foram disponibilizados pela equipe de pesquisa nacional para que os pesquisadores de cada região pudessem realizar a descrição e a análise. O trabalho do grupo responsável pela região seguiu o padrão do relatório nacional publicado por Lima et.al. (2022). O relato regional norte inclui dados geográficos, de instituições de ensino e de mercado de trabalho da região.

### 1.1 Contexto do Norte

A região Norte é composta por sete estados: Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins. A região tem os dois maiores estados em extensão geográfica. O Amazonas tem 1.559.255 quilômetros quadrados (18,5% do território nacional) e o Pará tem 1.245.870 quilômetros quadrados (PORTAL IBGE, 2022).



Imagem 1: Mapa da Região Norte



Fonte: PORTAL BAIXA MAPAS, 2023.

O Norte é a quarta região do país em termos de população. No quadro 2, há uma estimativa da população estimada do Norte, em 2021, considerando-se os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que, inclusive, realizou em 2022 e 2023, a atualização do Censo Demográfico. Eis os dados por unidade federativa regional:

Quadro 02 – População da região norte

Estados da Região Norte	População estimada (2021)
Acre	906.876
Amapá	877.613
Amazonas	4.269.995
Pará	8.777.124
Rondônia	1.815.278



Roraima	652.713
Tocantins	1.607.363
Total da Região	18.906.962

Fonte: Autoria própria, a partir de consulta ao PORTAL IBGE (2022).

Com 3.869.640 quilômetros quadrados, aproximadamente, a região Norte também representa a chamada Amazônia Real, congregando pouco mais de 45% do território nacional. Já a Amazônia Legal, além das sete unidades do Norte, reúne também a parte oeste do estado do Maranhão (até o meridiano de 44 graus), no Nordeste; e o estado do Mato Grosso, no Centro-Oeste. Essa definição estratégica da Amazônia Legal foi definida pela lei 1.806/1953, durante a última gestão do então presidente Getúlio Vargas, ocorrida entre 1951 e 1994 (PORTAL AMAZÔNIA, 2023).

A região norte tem, em si, boa parte do bioma Amazônia, que é o maior e mais diversificado do país. O bioma da Amazônia, ao todo, tem uma área de quase sete milhões de quilômetros quadrados (PORTAL AMAZÔNIA, 2023). Desse cenário deriva uma necessidade de se tratar a pauta regional, com as demandas amazônicas e as peculiaridades para a prática da produção da informação em diferentes níveis.

Ao todo são 460 municípios, distribuídos em seus sete estados, assim divididos: Acre (22); Amapá (16); Amazonas (62); Pará (144); Rondônia (52); Roraima (15); e Tocantins (139). Pará e Tocantins se distinguem em número de municípios.

### Cursos de Jornalismo

No que se refere aos cursos de jornalismo na região, o pioneiro foi o da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), em 1969, no campus localizado em Manaus. Sete anos depois, em 1976, foi inaugurado o curso de Jornalismo na Universidade Federal do Pará (UFPA), maior universidade da região. Já os cursos de Jornalismo das instituições de educação superior privadas tiveram início em 1996. (BRASIL, 2022).

Conforme informações no portal do Ministério da Educação, o Norte conta com 116 cursos de Jornalismo (Bacharelado em Jornalismo ou Bacharelado em Comunicação Social/Jornalismo). São 85 opções em Educação a Distância (EAD) e 31 Instituições de Educação



Superior (IES) com os cursos presenciais (PORTAL E-MEC, 2023).

Por unidades federativas da região, a divisão é a seguinte: Acre: 9 cursos de Jornalismo em EAD e 2 no formato presencial (11 no total); Amapá: 7 em EAD e 2 presenciais (9 no total); Amazonas: 16 em EAD e 8 presenciais (24 no total); Pará: 18 em EAD e 8 presenciais (total de 26); Rondônia: 13 no formato EAD e 6 cursos presenciais (19 no total); Roraima: 8 em EAD e 2 cursos presenciais (10 no total); e Tocantins, com 17 no total – 14 em EAD e 3 presenciais (PORTAL E-MEC, 2023).

No quadro 3, apresenta-se um levantamento das instituições de educação superior – públicas e privadas – que ofereceram, em 2023, vagas para os cursos de Jornalismo, nos diferentes formatos de ingresso – via Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), Sistema de Seleção Unificada (SISU), vestibular próprio agendado e/ou com suportes como o PROUNI (Programa Universidade para Todos) e o FIES (Financiamento Estudantil).

Quadro 03 - Listagem dos cursos de Jornalismo que disponibilizaram vagas em 2023

Instituição	Estado/Norte	Curso	Vagas disponíveis por ano	Início do curso
Universidade Federal do Acre (UFAC)/Rio Branco	Acre	Bacharelado em Jornalismo – IES pública	50	2001
Universidade Federal do Amapá (UNIFAP)/Macapá	Amapá	Bacharelado em Jornalismo – IES pública	50	2011
Estácio Macapá (antiga SEAMA)	Amapá	Bacharelado em Jornalismo – IES particular	75	2012 (na SEAMA, início em 2001)
Faculdade Boas Novas/Manaus	Amazonas	Bacharelado em Jornalismo – IES particular	100	2006





Centro Universitário FAMETRO (Grupo IME)/Manaus	Amazonas	Curso de Graduação em Jornalismo – IES particular	200 (em dois turnos)	2019
Centro Universitário do Norte (Uninorte)/Manaus	Amazonas	Bacharelado em Jornalismo – IES particular	300	2009
Faculdade Martha Falcão (FMF Wyden)/Manaus	Amazonas	Bacharelado em Comunicação Social/Jornalismo – IES particular	200 (em dois turnos)	2008
Universidade Federal do Amazonas (UFAM)/Manaus	Amazonas	Curso de Jornalismo (Faculdade de Informação e Comunicação) – IES pública	50	1969
Universidade Federal do Amazonas (UFAM)/Parintins	Amazonas	Curso de Graduação em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo – IES pública	50	2007
Universidade Nilton Lins/Manaus	Amazonas	Bacharelado em Comunicação Social/Jornalismo – IES particular	300	1989
Faculdade de Estudos Avançados do Pará (FEAPA)/Belém	Pará	Bacharelado em Comunicação Social/Jornalismo – IES particular	100	2007



Universidade da Amazônia (UNAMA)/Belém	Pará	Bacharelado em Jornalismo – IES particular	580	2003 (já funcionou no campus Ananindeua e já teve dois campi)
Centro Universitário da Amazônia (UNAMA)/Santarém (antiga FIT)	Pará	Bacharelado em Jornalismo – IES particular	110	2007
Universidade Federal do Pará (UFPA)/Belém	Pará	Curso de Comunicação Social/Jornalismo (Faculdade de Comunicação) – IES pública	30 (podem ser mais devido à mobilidade)	1976
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA) - Campus Rondon do Pará	Pará	Bacharelado em Jornalismo – IES pública	40 (eram 20)	2018
Estácio Pará/Belém	Pará	Curso de Graduação em Comunicação Social (Jornalismo) – IES particular	100	2005
Instituto Esperança de Ensino Superior (IESPES) – Santarém	Pará	Bacharelado em Jornalismo – IES particular	50	2006
União das Escolas Superiores de Rondônia (UNIRON)/Sapiens/	Rondônia	Bacharelado em Jornalismo – IES particular	50	2009



Uninorte - Porto Velho				
Fundação Universidade de Rondônia (UNIR)/Porto Velho	Rondônia	Bacharelado em Jornalismo - IES pública	40	2020 (anteriormente, funcionava em Vilhena-RO)
Universidade Federal de Roraima (UFRR) - Boa Vista	Roraima	Curso de Comunicação Social/Jornalismo) - IES pública	45	1992
Universidade de Gurupi (UNIRG)	Tocantins	Curso de Graduação em Jornalismo (foco em Jornalismo de dados) - IES Pública municipal	50	2001
Universidade Federal de Tocantins (UFT)/Palmas	Tocantins	Bacharelado em Jornalismo - IES pública	80 (duas entradas de 40)	1997

Fonte: Autoria própria a partir de dados captados nas instituições e pelo portal do MEC (2023).

Percebe-se a presença dos cursos de Jornalismo majoritariamente nas capitais dos estados da região norte, indicando o potencial para abertura de novos cursos em cidades do interior, especialmente nas que tenham maior população e importância econômica para o Estado. Tal ação poderia ajudar a diminuir os desertos de notícias do Norte. De acordo com pesquisa de 2020 do Atlas da Notícia (PROJOR, 2020), 33,7 milhões de brasileiros vivem em desertos de notícias (municípios que não têm presença de veículos jornalísticos). E a região norte, com 69,8% dos municípios nesta classificação, tem o maior número de desertos de notícia. (ZACARIOTTI et.al, 2021).



## A mídia no Norte

A região norte do Brasil é caracterizada pelo menor mercado de mídia regional no país, contando com pouco mais de 1.000 veículos registrados no Atlas da Notícia (2023). A maioria dos veículos relaciona-se a rádios e televisões, sendo que os grupos proprietários são predominantemente afiliados à Rede Globo. Já a presença de mídia impressa e online é mais limitada e concentrada nas capitais dos estados. Como já citado anteriormente, o Norte é a região do Brasil com maior número de municípios sem nenhum veículo de imprensa.

A estrutura de mídia na região é marcada pela esfera política, uma vez que muitas emissoras são vinculadas a famílias de políticos e/ou a seus aliados. Tal situação pode comprometer a autonomia e a diversidade da informação na região, por um lado e, por outro, resulta em desafios como a falta de infraestrutura adequada, a violência contra jornalistas, além de configurar baixa representatividade das populações indígenas, ribeirinhas e quilombolas. (PINTO, 2017).

Nesse sentido, evidencia-se a necessidade de fortalecer a pluralidade e a independência da mídia na região norte, o que vem ocorrendo com o aumento de canais alternativos, que buscam ampliar a representação, a diversidade de vozes e interesses presentes nessa região vasta e multicultural do Brasil. O apoio ao jornalismo local, a promoção da liberdade de imprensa e o incentivo à formação de profissionais capacitados são aspectos essenciais para a construção de uma mídia mais plural e democrática na região norte do país. Estas são questões que precisam ser contempladas nos estudos que tratam do jornalismo contemporâneo, pois a observação deste contexto complexo, atravessado pelas assimetrias regionais e por realidades distintas pode trazer pistas para pensar a reconfiguração do jornalismo.

Nos quadros a seguir, trazemos os principais canais de comunicação em cada estado da região, considerando a mídia tradicional. Apresentamos, ainda, no quadro 08, veículos alternativos/independentes do Norte, conforme o Mapa das mídias independente, organizado pela Agência Pública (2023).



## Principais canais de mídia da região norte

### Quadro 04 – Canais de televisão

Capitais/Estados	Emissoras
Rio Branco/Acre	Rede Amazônica Rio Branco (Rede Amazônica/afiliada Globo); TV Amazônia (Fundação Evangélica Boas Novas/Rede TV!); TV Gazeta (RecordTV); TV Norte Acre (SBT); TV5 (Rede Bandeirantes)
Macapá/Amapá	Rede Amazônica Macapá (Rede Amazônica/afiliada Globo); TV Amazônia (SBT); TV Equinócio (RecordTV); TV Macapá (Rede Bandeirantes); TV Tucuju (Rede TV!)
Manaus/Amazonas	Rede Amazônica Manaus (Rede Amazônica/afiliada Globo); Band Amazonas (Rede Bandeirantes); Boas Novas Manaus (Evangélica Boas Novas); RecordTV Manaus (RecordTV); TV Norte Amazonas (SBT) e TV A Crítica
Belém/Pará	TV Liberal (afiliada TV Globo); TV Record (RecordTV); TV Cultura do Pará (TV pública); SBT Pará (SBT); RBATV (Rede Bandeirantes)
Porto Velho/Rondônia	Rede Amazônica Porto Velho (Rede Amazônica/afiliada Globo); Rede TV Rondônia (Rede TV); TV Allamanda (SBT); Record News RO (Record News)
Boa Vista/Roraima	Rede Amazônica Boa Vista (Rede Amazônica/afiliada Globo); Band Roraima (Rede Bandeirantes); Tropical TV (Rede TV!); TV Imperial (RecordTV); TV Norte Boa Vista (SBT)
Palmas/Tocantins	TV Anhanguera Palmas (afiliada Globo); Record News Tocantins (Record News); Rede TV! Tocantins (Rede TV!); TV Jovem (RecordTV); TV Norte Tocantins (SBT)

Fonte: Autoria própria com dados do Atlas da notícia (2023).

As afiliadas da TV Globo, em geral, são as mais relevantes – seguindo a tendência nacional. Afiliadas e retransmissoras da Record TV e do SBT vêm a seguir. Como destaques, a Rede Amazônica, no Amazonas, e a TV Liberal, no Pará.



### Quadro 05 – Canais de rádio

Capitais/Estados	Emissoras
Rio Branco/Acre	Rádio Difusora Acreana AM (Fundação de Desenvolvimento de Recursos Humanos, da Cultura e do Desporto do Estado do Acre); Aldeia FM (Fundação Aldeia de Comunicação do Acre – FUNDAC); Cidade FM (Progresso do Acre Comunicações Ltda.); <a href="#">CBN Amazônia Rio Branco</a> FM (Rede Amazônica); Cidade FM (Progresso do Acre Comunicações Ltda.); Gazeta FM (Rio Branco - Rádio FM Ltda.); Rádio Boas Novas (Fundação Cultural de Radiodifusão Educativa Costa Dourada); Rádio Capital FM (Rádio Universitária Metropolitana Ltda.); União FM ( <a href="#">Rede União de Rádio e Televisão Ltda.</a> )
Macapá/Amapá	Rádio Difusora de Macapá AM (Radiobrás Empresa Brasileira de Comunicação S/A); 101 FM (Rádio Amazônia Ltda.); 102 FM (Tropical Radiodifusão Ltda.); CBN Amazônia Macapá FM (Rede Amazônica); Diário FM (Fundação Cultural e Assistencial Diário do Amapá); Equatorial FM (Sistema Equatorial de Comunicações Ltda.); Equinócio FM (Rádio Marco Zero Ltda.); Forte FM (Fundação Cultural e Assistencial Água Viva); Rádio Boas Novas (Fundação Semeador); Rádio Universitária UNIFAP
Manaus/Amazonas	BandNews FM Difusora (Rádio Difusora do Amazonas Ltda.); CBN Amazônia Manaus (Rede Amazônica); Cidade FM (Rádio TV Tropical Ltda.); FM do Povo (Sistema Dissica de Comunicação Ltda.); FM O Dia (Rádio Jornal A Crítica Ltda.); Jovem Pan FM (Rádio Tarumã Ltda.); Mix FM (Rede de Radiodifusão Novidade Técnica Ltda.); Norte FM (Sociedade de Televisão Manauara Ltda.); Onda Digital FM (Fundação Boas Novas); Rádio Difusora do Amazonas FM (Rádio Difusora do Amazonas Ltda.); Rádio Encontro das Águas ( <a href="#">Empresa Brasil de Comunicação S.A. - EBC</a> )
Belém/Pará	Rádio Clube do Pará AM/FM (Rádio Clube do Pará PRC5 Limitada); Rádio Liberal AM (Grupo Liberal); Super Rádio Marajoara AM (Grupo Marajoara); 99 FM (Grupo RBA); Amazônia Viva FM (Fundação Educativa e Cultural Amazônia Viva); CBN Amazônia Belém (Rede Amazônica); Diário FM (Grupo RBA); Liberal FM (Grupo Liberal); Mix FM (Grupo Marajoara); Rádio Boas



	Novas FM (Fundação Cultural de Radiodifusão Educativa Costa Dourada); Rádio Cultura (Fundação Cultural do Pará – pública); Rádio Rauland FM (Grupo Rauland); Roma FM ( <a href="#">GC Comunicação Ltda.</a> )
Porto Velho/Rondônia	Ativa FM (Fundação Toledo Prado); Band FM (Rádio Fronteira Ltda.); Mineira FM ( <a href="#">Sociedade Mineira de Radiodifusão Ltda.</a> ); Parecis FM (Sociedade de Cultura Rádio Parecis Ltda.); Rádio Boas Novas FM (Rádio e Televisão Eldorado do Brasil Ltda.); Rádio Caiari (Sociedade de Cultura Rádio Caiari Ltda.); Rádio Rondônia FM (Rádio Sociedade Rondônia Ltda.); Transamérica Porto Velho (Rede Sanmori de Rádio e Televisão Ltda.); Vitória Régia FM (Rede Vitória Régia de Rádio Ltda.)
Boa Vista/Roraima	Rádio Roraima AM (Radiobrás Empresa Brasileira de Comunicação S/A); 93 FM (Sociedade Rádio Equatorial Ltda.); Monte Roraima FM (Fundação Educativa Cultural José Allamano); Rádio Folha FM (Editora Boa Vista Ltda.); Rádio Tropical FM (Rede Tropical de Comunicação Ltda.); Rádio Universitária ( <a href="#">Empresa Brasil de Comunicação S.A. - EBC</a> ); Rede Aleluia (Empresa Caracará de Comunicação Ltda.)
Palmas/Tocantins	Jovem FM (Sociedade Vale do Araguaia de Comunicação Ltda.); Meio Norte FM Tocantins (Fundação João Paulo II); Rádio Paz (Sistema de Comunicação Rio Bonito Ltda.); UFT FM ( <a href="#">Empresa Brasil de Comunicação S.A. - EBC</a> ); Unitins FM ( <a href="#">Fundação Universidade do Tocantins</a> ).

Fonte: Autoria própria com dados do Atlas da notícia (2023).

Nas capitais da região norte, as emissoras comerciais populares têm grande apelo junto ao público. No campo do jornalismo, as várias emissoras afiliadas à rede CBN – geridas pela Rede Amazônica, na região – mantêm o conceito de rádio “*all news*”.



## Quadro 06 – Jornais impressos

Capitais/Estados	Títulos dos periódicos diários
Rio Branco/Acre	A Gazeta do Acre; O Rio Branco; A Tribuna do Acre; Jornal Opinião
Macapá/Amapá	A Gazeta do Amapá; Diário do Amapá; Jornal Aqui Amapá; Jornal do Dia AP
Manaus/Amazonas	A Crítica de Manaus; Em Tempo; Diário do Amazonas; Jornal do Commercio; Jornal Agora
Belém/Pará	O Liberal; Diário do Pará; Jornal Amazônia
Porto Velho/Rondônia	Correio de Notícia; Diário da Amazônia; Jornal Imprensa Popular; Folha Rondoniense; Gazeta de Rondônia; O Estado de Rondônia
Boa Vista/Roraima	Folha BV; Jornal O Painel; Jornal Roraima Hoje; Roraima em Tempo
Palmas/Tocantins	Conexão Tocantins; Ecos do Tocantins Jornal; Folha do Tocantins; Jornal Agora Tocantins; Jornal do Tocantins; Jornal Folha Capital

Fonte: Autoria própria com dados do Atlas da notícia (2023).

Os jornais impressos, na região norte, acompanham o contexto nacional de perda de relevância e diminuição do número de leitores e enxugamento das redações. A tendência da maior parte dos veículos é ter uma extensão da produção de suas redações nas versões eletrônicas, com portais de notícias homônimos. São os casos de publicações como “A Crítica” e “O Jornal do Commercio”, do Amazonas; e de “O Liberal” e do “Diário do Pará”, do Pará.

## Quadro 07 - Portais de notícias

Capitais/Estados	Portais
Rio Branco/Acre	G1 Acre ( <a href="https://g1.globo.com/ac/acre/">https://g1.globo.com/ac/acre/</a> ); Acre ao vivo ( <a href="https://www.acreaovivo.com/">https://www.acreaovivo.com/</a> ); Acre News ( <a href="https://acrenews.com.br/">https://acrenews.com.br/</a> ); Amazônia Agora ( <a href="https://amazoniaagora.com.br/">https://amazoniaagora.com.br/</a> ); Contilnet Notícias ( <a href="https://contilnetnoticias.com.br/">https://contilnetnoticias.com.br/</a> ); Ecos da Notícia ( <a href="https://ecosdanoticia.net/">https://ecosdanoticia.net/</a> ); Notícias da Hora





	<p>(<a href="https://www.noticiasdahora.com.br/">https://www.noticiasdahora.com.br/</a>); AC 24 horas (<a href="https://ac24horas.com/">https://ac24horas.com/</a>); AC Manchete (<a href="https://acmanchete.com/">https://acmanchete.com/</a>)</p>
Macapá/Amapá	<p>G1 Amapá (<a href="https://g1.globo.com/ap/amapa/">https://g1.globo.com/ap/amapa/</a>); Diário do Amapá (<a href="https://www.diariodoamapa.com.br/">https://www.diariodoamapa.com.br/</a>); A Gazeta do Amapá (<a href="https://agazetadoamapa.com.br/">https://agazetadoamapa.com.br/</a>); Folha do Amapá (<a href="https://www.folhadoamapa.com/">https://www.folhadoamapa.com/</a>); Amapá Digital (<a href="https://amapadigital.net/novo/">https://amapadigital.net/novo/</a>); Amapá Online (<a href="https://amapaonline.com/">https://amapaonline.com/</a>).</p>
Manaus/Amazonas	<p>G1 Amazonas (<a href="https://g1.globo.com/am/amazonas/">https://g1.globo.com/am/amazonas/</a>); A Crítica (<a href="https://www.acritica.com/">https://www.acritica.com/</a>); Portal Norte (<a href="https://portalnorte.com.br/">https://portalnorte.com.br/</a>); Portal CM7 Brasil (<a href="https://cm7brasil.com/">https://cm7brasil.com/</a>); Agência Amazonas (<a href="https://www.agenciaamazonas.am.gov.br/">https://www.agenciaamazonas.am.gov.br/</a>)</p>
Belém/Pará	<p>Rede Pará (<a href="https://redepara.com.br/">https://redepara.com.br/</a>); Portal DOL/Diário Online (<a href="https://dol.com.br/?d=1">https://dol.com.br/?d=1</a>); Jornal do Pará (<a href="https://para.jor.br/">https://para.jor.br/</a>); Agora Pará (<a href="https://agorapara.com.br/">https://agorapara.com.br/</a>); O Liberal (<a href="https://www.oliberal.com/">https://www.oliberal.com/</a>); G1 Pará (<a href="https://g1.globo.com/pa/para/ultimas-noticias/">https://g1.globo.com/pa/para/ultimas-noticias/</a>); Pará News (<a href="https://paranews.com.br/">https://paranews.com.br/</a>); Roma News (<a href="https://romanews.com.br/">https://romanews.com.br/</a>)</p>
Porto Velho/Rondônia	<p>G1 Rondônia (<a href="https://g1.globo.com/ro/rondonia/">https://g1.globo.com/ro/rondonia/</a>); Rondônia Agora (<a href="https://www.rondoniagora.com/">https://www.rondoniagora.com/</a>); Rondônia ao vivo (<a href="https://www.rondoniaovivo.com/">https://www.rondoniaovivo.com/</a>); Rondônia Press (<a href="https://rondoniapress.com/">https://rondoniapress.com/</a>); Tudo Rondônia (<a href="https://tudorondonia.com/">https://tudorondonia.com/</a>); Rondo Notícias (<a href="https://rondonoticias.com.br/">https://rondonoticias.com.br/</a>); Rondônia 10 (<a href="https://www.rondonia10.com/">https://www.rondonia10.com/</a>)</p>
Boa Vista/Roraima	<p>G1 Roraima (<a href="https://g1.globo.com/rr/roraima/">https://g1.globo.com/rr/roraima/</a>); Roraima em Tempo (<a href="https://roraimaemtempo.com.br/">https://roraimaemtempo.com.br/</a>); Roraima 1 (<a href="https://roraima1.com.br/">https://roraima1.com.br/</a>); Amo Roraima (<a href="https://amororaima.com.br/">https://amororaima.com.br/</a>); Roraima em Tempo (<a href="https://roraimaemtempo.com.br/noticias/">https://roraimaemtempo.com.br/noticias/</a>); Folha de Boa Vista (<a href="https://folhabv.com.br/">https://folhabv.com.br/</a>)</p>
Palmas/Tocantins	<p>G1 Tocantins (<a href="https://g1.globo.com/to/tocantins/">https://g1.globo.com/to/tocantins/</a>); Portal O Tocantins (<a href="https://otocantins.com.br/">https://otocantins.com.br/</a>); Portal Atitude Tocantins (<a href="https://www.atitudeto.com.br/">https://www.atitudeto.com.br/</a>); Portal T1 Notícias</p>



	<p>(<a href="https://www.t1noticias.com.br/">https://www.t1noticias.com.br/</a>); Jornal O Tocantins (<a href="https://jornalotocantins.com.br/">https://jornalotocantins.com.br/</a>); Folha do Tocantins (<a href="https://folhadotocantins.com.br/">https://folhadotocantins.com.br/</a>)</p>
--	--

Fonte: Autoria própria com dados do Atlas da notícia (2023).

Os portais de notícias, na região norte, ocupam, cada vez mais, protagonismo dentro de cada uma das sete unidades federativas em análise. Os portais G1, em cada um dos estados, têm grande relevâncias. Há muita prática de jornalismo independente, assim como portais que são extensões de jornais impressos e/ou de emissoras de televisão.

Esses são alguns dos principais veículos de comunicação no Norte do Brasil, que atuam nas áreas de televisão, jornalismo impresso e rádio. Há também os que se destacam como veículos alternativos na região.

#### Quadro 08 - Veículos alternativos/independentes

Cidades/Estados	Veículos
Manaus/AM	Amazônia Real ( <a href="https://amazoniareal.com.br">https://amazoniareal.com.br</a> )
Manaus/AM	Amazonas Atual ( <a href="https://amazonasatual.com.br/">https://amazonasatual.com.br/</a> )
Manaus/AM	Afluente ( <a href="https://podcasters.spotify.com/pod/show/afluente-jornalismo">https://podcasters.spotify.com/pod/show/afluente-jornalismo</a> )
Altamira/PA	Sumaúma ( <a href="https://sumauma.com">https://sumauma.com</a> )
Itaituba/PA	Portal Giro ( <a href="https://www.giroportal.com.br/">https://www.giroportal.com.br/</a> )
Santarém/PA	Tapajós de fato ( <a href="https://www.tapajosdefato.com.br">https://www.tapajosdefato.com.br</a> )
São Gabriel da Cachoeira/AM	Rede Wayuri ( <a href="https://redewayuri.org.br/">https://redewayuri.org.br/</a> )
Manaus/AM	Infoamazônia ( <a href="https://infoamazonia.org/">https://infoamazonia.org/</a> )
Porto Velho/RO	Terra sem males ( <a href="http://www.terrasemmale.com.br">www.terrasemmale.com.br</a> )

Fonte: Autoria própria com dados da Agência Pública (2023).



## Remuneração dos jornalistas no Norte

Se queremos entender o contexto regional da profissão, é fundamental conhecer, além das possibilidades de formação, do mercado, em termos de veículos disponíveis, a média salarial. Afinal, quanto ganha o jornalista na região? Qual o piso da categoria?

Conforme dados oficiais do CAGED (Cadastro Geral de Empregados e Desempregados) do Ministério da Economia, pontuado por Lima et. al. (2022), a média salarial de um jornalista na região norte é de R\$ 2.337, sendo a segunda menor do país, atrás apenas da região Nordeste, que tem uma média de R\$ 2.192. Os estados que pagam os maiores salários para os jornalistas são Tocantins (R\$ 3.000), Pará (R\$ 2.500) e Amazonas (R\$ 2.400). Os que pagam os menores salários são Amapá (R\$ 1.800), Roraima (R\$ 1.900) e Acre (R\$ 2.000). (JORNALISTA..., 2023).

A FENAJ divulga anualmente a tabela de referência de salários e honorários dos jornalistas, que é baseada nos acordos e convenções coletivas de trabalho firmados pelos sindicatos em cada estado<sup>1</sup>. A tabela de referência da FENAJ para 2021 indica que a média salarial do jornalista brasileiro é de R\$ 3.638,45, considerando os salários normativos ou pisos salariais definidos pelos sindicatos em cada estado.

Assim, a média salarial do jornalista na região norte é inferior à média nacional e varia conforme diversos fatores relacionados ao perfil profissional e ao mercado de trabalho local.



## 2 Características sociodemográficas dos jornalistas

O Amazonas, segundo estado mais populoso da região norte, é o que concentra a maior parte dos jornalistas, com 22,1%. Logo atrás vem o Pará (19,4%). O que conta com a menor parcela dos profissionais é o Amapá, com 6,3% -- o estado foi o último a ofertar o curso de graduação em jornalismo em uma instituição pública, em 2011, na Universidade Federal do Amapá (Unifap).

Tabela 1 - Em que estado você vive atualmente

Estado	Frequência	Porcentagem válida
Acre	54	11.3
Amapá	30	6.3
Amazonas	106	22.1
Pará	93	19.4
Rondônia	76	15.8
Roraima	39	8.1
Tocantins	82	17.1
Total	480	100.1

No Norte, as mulheres são maioria entre os jornalistas. Isso demonstra o predomínio feminino na profissão também quando tratamos do recorte regional, o que pode ser um indício da consolidação da feminização da profissão. Vale destacar que, de [acordo com o IBGE](#) (2021), a população feminina do norte do Brasil era de 9.016.103 pessoas em 2021, o que representava 49,7% da população total da região.



Tabela 2 - Com qual gênero você se identifica?

Gênero	Frequência	Porcentagem válida
Feminino	304	63.3
Masculino	175	36.5
Outro (s), qual (is)?	1	0.2
Total	480	100

Quanto à faixa etária dos jornalistas da região norte, percebe-se que a categoria é mais experiente, tendo grande parte dos profissionais entre 31 e 40 anos, com 37,3%. Os jornalistas jovens, que, em tese, ainda estão tentando se encontrar no mercado, abrangem 29%, somando os da faixa entre 18 e 30 anos. As maiores diferenças na comparação entre os jornalistas da região norte em relação ao restante do país estão nas duas faixas que contemplam profissionais a partir de 51 anos, tendo a região percentual menor.

Tabela 3 - Você pertence a qual faixa etária?

Faixa etária	Frequência	Porcentagem válida
Acima de 64 anos	8	1.7
Entre 18 anos e 22 anos	18	3.8
Entre 23 anos e 30 anos	121	25.2
Entre 31 anos e 40 anos	179	37.3
Entre 41 anos e 50 anos	98	20.4
Entre 51 anos e 64 anos	56	11.7
Total	480	100

A região é marcada pela predominância de estados majoritariamente negros (pardos e pretos) e o jornalismo demonstra reflexo dessa característica, pois 61,7% são pardos ou pretos. O resultado está muito acima do registrado em âmbito nacional, com apenas 29,9%. Jornalistas brancos na região norte são 33,1%, enquanto no Brasil somam 67,8%.



Tabela 4 - Como você define a sua cor/raça?

Cor/raça	Frequência	Porcentagem válida
Amarela	12	2.5
Branca	159	33.1
Indígena	4	0.8
Outra. Qual?	4	0.8
Parda	248	51.7
Preta	53	11.0
Total	480	100

Os jornalistas nortistas seguem a tendência de Brasil e, também, são, em sua maioria, solteiros (48,1%). Casados compõem apenas 31% dos respondentes. Neste aspecto, como é possível verificar na tabela seguinte, os percentuais são bastante aproximados com as demais regiões brasileiras.

Tabela 5 - Qual seu estado civil?

	Frequência	Porcentagem válida
Casada (o)	149	31.0
Divorciada (o)	31	6.5



Outro. Qual?	2	0.4
Separada (o)	8	1.7
Solteira (o)	231	48.1
União estável	55	11.5
Viúva (o)	4	0.8
Total	480	100.0

Como a maioria é solteira, isso pode ter reflexo na concepção de filhos. 51% dos respondentes disseram que não são pais nem mães. Apesar disso, o índice é menor que o registrado em nível de Brasil, com 61,4%.

Tabela 6 - Você tem filhos?

	Frequência	Porcentagem válida
Não	248	51.7
Tenho 1 filha (o)	108	22.5
Tenho 2 filhas (os)	75	15.6
Tenho 3 filhas (os)	31	6.5
Tenho mais de 3 filhas (os)	18	3.8
Total	480	100.0



Sobre o registro profissional, a categoria na região norte demonstra que quase 3 em cada 10 jornalistas não são regulamentados, índice de 28,1% sem registro.

Tabela 7 - Possui registro profissional de jornalista?

	Frequência	Porcentagem válida
Não	135	28.1
Sim	345	71.9
Total	480	100.0

Outro indicativo importante de profissionalização do jornalismo é o quesito acadêmico dos profissionais que atuam no jornalismo. Na região norte, três dados se destacam. O primeiro refere-se ao ensino superior, com 41,9%, praticamente o mesmo do Brasil (42,3%).

Contudo, outros dois números indicam uso de mão-de-obra ainda não graduada. Somando os que possuem apenas ensino médio e que ainda cursam a graduação, o índice chega a 15,6%. No Brasil, esses dois níveis acadêmicos são 6,8%.

Tabela 8 - Qual o nível de escolaridade mais alto que você possui?

	Frequência	Porcentagem válida
Ensino Médio	12	2.5
Ensino Técnico	2	0.4
Ensino Superior cursando	63	13.1





Ensino Superior completo	201	41.9
Ensino Superior Tecnológico cursando	1	0.2
Ensino Superior Tecnológico completo	3	0.6
Especialização	121	25.2
Mestrado	57	11.9
Doutorado	16	3.3
Pós-doutorado	4	0.8
Total	480	100

O jornalismo é a principal área de formação, com 91,4%. O indicador é menor que o registrado para o Brasil (94,1%). Na sequência, como segunda opção mais citada no Norte aparece Publicidade e Propaganda (5,2%), enquanto o curso de Rádio de TV (3,8%) surge como a segunda opção mais escolhida para o restante do país.

Tabela 9 - Qual é sua área de graduação?  
(Você pode selecionar mais de uma opção)

	Frequência	Porcentagem válida
Jornalismo ou Comunicação com habilitação em Jornalismo	426	91.4
Publicidade e Propaganda	24	5.2



Rádio e TV	23	4.9
Relações Públicas	7	1.5
Audiovisual ou Cinema	7	1.5
Outra área. Qual?	39	8.4
Total de respondentes	466	100.0
Total de respostas	526	

Uma diferença entre os dados da região norte e do Brasil está no tipo de universidade cursada. As instituições de caráter privado são as principais formadoras em jornalismo dos profissionais no país, com 60,2%. Elas também são a maioria na região norte, porém com índice menor, com 51,7%.

No Norte, as federais correspondem a 50% da formação acadêmica dos profissionais. No Brasil, esse indicador está em apenas 33%.

Tabela 10 - Você cursou ou está cursando que tipo de universidade/faculdade? (Você pode selecionar mais de uma opção.)

	Frequência	Porcentagem válida
Federal	233	50.0
Privada	241	51.7
Comunitária ou similar	2	0.4



Estadual	22	4.7
Municipal	3	0.6
Confessional	4	0.9
Outro tipo. Qual?	3	0.6
Total respondentes	466	100.0
Total de respostas	508	

Quanto ao estágio, prática na qual o aluno desenvolve suas habilidades absorvidas no curso no mercado de trabalho, 74,2% dos jornalistas passaram por isso durante a graduação na região norte. No Brasil, o dado é de 74,1%.

Tabela 11 - Você foi estagiária (o) de jornalismo?

	Frequência	Porcentagem válida
Não	110	23.6
Sim, já fui	346	74.2
Sim, sou estagiária (o) atualmente	10	2.1
Total	466	100.0

Diferente do estágio, o trainee não fez parte da carreira de maioria dos jornalistas: Norte (88%) e Brasil (85,9%).



Tabela 12 - Você fez trainee em jornalismo?

	Frequência	Porcentagem válida
Não	410	88.0
Sim, já fui	54	11.6
Sim, sou trainee atualmente	2	0.4
Total	466	100.0

Os dados mostram uma atuação curta dos profissionais de jornalismo no mercado de trabalho relacionado à área, pois 47,9% trabalharam ou trabalham até 10 anos, sendo a maior parcela entre 2 e 5 anos, com 21,9%; seguido da faixa entre 6 a 10 anos, com 20,4%. O menor percentual está nos que trabalharam ou trabalham há pelo menos 31 anos (5,6%).

No Brasil, chega a 41,7% a parcela de jornalistas com até 10 anos de atuação. Um dado que se sobressai é o de jornalistas que estão há pelo menos 31 anos na área, com 12,3%, o dobro do registrado para a mesma faixa na região norte.

Tabela 13 - Por quanto tempo trabalha ou trabalhou como jornalista?  
(Anos completos.)

	Frequência	Porcentagem válida
Até 1 ano	27	5.6
De 2 a 5 anos	105	21.9
Entre 6 e 10 anos	98	20.4



De 11 a 15 anos	91	19.0
Entre 16 e 20 anos	60	12.5
De 21 a 25 anos	39	8.1
Entre 26 a 30 anos	30	6.3
31 anos ou mais	27	5.6
Sou docente na área, mas nunca atuei como jornalista	3	0.6
Total	480	100.0

Ainda em relação à experiência profissional, percebe-se a instabilidade na carreira dos jornalistas da região norte. 49,8% dos respondentes tiveram de 2 a 5 vínculos profissionais, incluindo empregos com carteira assinada, como freelancer, com contratos de PJ/MEI ou correlatos. É o mesmo percentual registrado para as demais regiões brasileiras. Os que tiveram de 6 a 10 vínculos também se acentuam, com 27,9%, índice maior que o registrado para mesma faixa no Brasil (24,3%).

Tabela 14 - Ao longo da sua carreira profissional, quantos vínculos profissionais diferentes você já teve como jornalista e/ou docente (incluindo empregos com carteira assinada, freelancers ou contratos de PJ/MEI, concomitantes ou subsequentes)?

	Frequência	Porcentagem válida
1	54	11.3



2 a 5	239	49.8
6 a 10	134	27.9
11 a 15	29	6.0
16 a 20	6	1.3
Mais de 20	13	2.7
Nenhum	5	1.0
Total	480	100.0

Parcela expressiva dos respondentes da região norte atua como jornalista, com 92,3%. O resultado é muito maior que o verificado para o Brasil, com 68,2%. Os docentes correspondem a apenas 6% e outros 1,7% estudante com estágio ou como trainee. Ressalta-se que nesta pergunta, a região norte não tem jornalista respondente para as seguintes opções:

- Mudei para outra área profissional;
- Não trabalho como jornalista porque estou desempregado (a);
- Nunca trabalhei como jornalista ou docente;
- Não trabalho mais como jornalista porque me aposentei;
- Não trabalho mais como jornalista porque estou estudando.



Tabela 15 - Atualmente, você trabalha como jornalista ou como professor (a) de jornalismo ou comunicação?

	Frequência	Porcentagem válida
Sim, sou jornalista	443	92.3
Sim, sou docente de jornalismo/comunicação	29	6.0
Sou estudante e faço estágio ou trainee	8	1.7
Mudei para outra área profissional. Qual?	0	0
Não trabalho como jornalista porque estou desempregado (a)	0	0
Nunca trabalhei como jornalista ou docente	0	0
Não trabalho mais como jornalista porque me aposentei	0	0
Não trabalho mais como jornalista porque estou estudando	0	0
TOTAL	480	100

Sobre o vínculo empregatício em seu trabalho principal, os jornalistas com carteira assinada (CLT) correspondem à maior parcela, com 34%, menos que o índice nacional, que é 45,8%. Frisa-se certa influência da administração pública no mercado de trabalho do jornalismo da região norte, pois os servidores públicos são 22,5% dos empregados, enquanto os que são comissionados somam 16,7%, ocupando a segunda e terceira resposta mais citada, respectivamente. Já os que estão com vínculos mais precários (como *free lancers*, prestação de serviços sem contrato, PJ e MEI) chegam a 20,4%, um pouco mais baixo que o índice



do Brasil (24%). Ainda assim, pode-se considerar alto o número de jornalistas em situação instável ou precária, especialmente ao observarmos outras respostas como salários, tempo de emprego e quantidade de empregos/trabalho.

Tabela 16 - Qual é o tipo de vínculo empregatício em seu trabalho principal?

	Frequência	Porcentagem válida
Bolsista ou similar decorrente de programas públicos de incentivo à docência	3	0.6
Cargo comissionado	80	16.7
Carteira assinada (CLT)	163	34.0
Carteira assinada com período intermitente	1	0.2
Carteira assinada com redução de salário	3	0.6
Contrato de prestação de serviços	14	2.9
Contrato por hora/aula	1	0.2
Contrato público temporário	10	2.1
Dono (a) ou sócio(a) de empresa com funcionários	19	4.0
Freelancer	21	4.4
Outra. Qual?	5	1.0
Prestação de Serviço sem contrato firmado	14	2.9
Servidor (a) público (a)	108	22.5
Sou MEI (Microempreendedor(a) Individual)	28	5.8
Trabalho como pessoa jurídica (PJ) (sem funcionários ou sócios)	10	2.1





Total	480	100.0
-------	-----	-------

Na região norte, 77,3% dos jornalistas ganham até R\$ 5.500. Desse percentual, a maior parte, 21,9%, recebe de R\$ 2.201 a R\$ 3.300. Outra parcela bem menor (20,2%) ganha entre R\$ 5.501 a R\$ 11.000. Na comparação com o Brasil, percebe-se que o jornalista nortista recebe menos.

Tabela 17 - Qual a sua renda bruta mensal proveniente do trabalho como jornalista ou docente em jornalismo?

	Frequência	Porcentagem válida
Acima de R\$ 22.001	2	0.4
Até R\$ 1.100	22	4.6
De R\$ 1.101 a R\$ 2.200	85	17.7
De R\$ 11.001 a R\$ 22.000	26	5.4
De R\$ 2.201 a R\$ 3.300	105	21.9
De R\$ 3.301 a R\$ 4.400	74	15.4
De R\$ 4.401 a R\$ 5.500	59	12.3
De R\$ 5.501 a R\$ 11.000	97	20.2
Não quero informar	7	1.5
Sem renda	3	0.6



Total	480	100.0
-------	-----	-------

Ainda sobre a renda, 45% dos jornalistas da região norte dizem que o valor recebido por mês não é suficiente para arcar com suas despesas, tendo que ficar sempre devendo (20,8%), se virar com trabalhos extras (13,1%), e se apoiando no auxílio do cônjuge (8,5%). Outros 29,6% disseram que “às vezes” o valor recebido de remuneração é suficiente, enquanto apenas 25% consideram que é possível pagar todas as suas despesas com o que recebe mensalmente. Percebe-se a discrepância com o verificado em âmbito nacional, quando 40,1% dos jornalistas disseram que o salário era suficiente para o seu sustento sem sufoco, o que pode ser um reflexo do baixo salário pago aos profissionais nortistas.

Tabela 18 - Sua remuneração líquida mensal é suficiente para sempre arcar com suas despesas mensais?

	Frequência	Porcentagem válida
Às vezes	142	29.6
Não, fico sempre devendo	100	20.8
Não, mas conto com ajuda de outras pessoas	2	0.4
Não, mas me viro com trabalhos extras	63	13.1
Não, mas recebo suporte dos meus pais	12	2.5
Não, mas tenho apoio de companheira (o)	41	8.5
Sim	120	25.0
Total	480	100.0



A situação dos jornalistas da região norte ainda piora, pois 49,2% afirmaram que não recebiam qualquer tipo de benefício vinculado à sua ocupação principal. Ou seja, exerciam o seu labor sem receber outro incentivo que não fosse o salário mensal. O índice é maior do que o registrado para o Brasil (35,8%). Dos que recebiam algum benefício, o vale alimentação (27,7%) e plano de saúde (19,8%) e vale transporte (12,3%) foram os mais citados.

Tabela 19 - Você recebe algum tipo de benefício ou suporte vinculado a sua ocupação principal? (É possível assinalar mais de uma resposta.)

	Frequência	Porcentagem válida
Apoio jurídico	8	1.7
Apoio psicoterápico	14	2.9
Auxílio creche	12	2.5
Auxílio saúde	29	6.0
Equipamento de proteção individual compatível com o grau de risco de sua atividade	10	2.1
Incentivo à qualificação (cursos, treinamentos fora da empresa)	38	7.9
Nenhum	236	49.2
Participação nos lucros ou resultados	6	1.3
Plano de previdência complementar	6	1.3



Plano de saúde	95	19.8
Treinamentos <i>in-company</i> relacionados à atividade que desempenha ou outros relevantes	21	4.4
Vale (ou auxílio) alimentação	133	27.7
Vale (ou auxílio) refeição	18	3.8
Vale (ou auxílio) transporte	59	12.3
Outro. Qual?	6	1.3
Total	480	100

Sobre a forma de ingresso na carreira, é baixa a contratação de jornalistas provenientes de contratos de estágio ou de trainee na região norte, com apenas 4,4%. A maneira mais comum de se inserir no mercado local tem relação com o *network* estabelecido pelo próprio profissional: 20,4% entrou por indicação de amigos ou colegas e 18,5% por convite. Processo seletivo fez parte da realidade de 15,6%. Neste caso, os dados são semelhantes aos verificados em caráter nacional: indicação (20,8%), convite (17,2%).

Tabela 20 - Como você ingressou em seu trabalho atual?  
(Considere sua ocupação principal)

	Frequência	Porcentagem válida
Abriu uma empresa	28	5.8
Cargo de confiança em órgão público	40	8.3



Concurso público	75	15.6
Contratação como prestador (a) de serviços	16	3.3
Em continuação a estágio ou trainee	21	4.4
Foi convidada (o)	89	18.5
Indicação de amigos ou colegas	98	20.4
Ingressou em uma iniciativa independente/alternativa de jornalismo	6	1.3
Outro. Qual?	12	2.5
Processo seletivo realizado pelo contratante	75	15.6
Seleção por empresa de recrutamento	17	3.5
Vínculo familiar	3	0.6
Total	480	100

Já quanto ao “setor” do jornalista que mais emprega na região norte, a mídia é responsável por 60,4% dos postos de trabalho dos respondentes. Os entrevistados que estavam fora da mídia eram 35%, enquanto os que atuavam na docência somavam 4,6%.

Tabela 21 - Em sua ocupação principal, qual sua área de atuação?

	Frequência	Porcentagem válida
--	------------	--------------------



Docência (formação superior de jornalistas ou outras áreas de conhecimento)	22	4.6
Fora da mídia, em outras atividades (assessoria de imprensa ou comunicação, produtoras de conteúdo para mídias digitais)	168	35.0
Mídia (imprensa, veículos de comunicação, arranjos alternativos de mídia/mídia independente, startup jornalística)	290	60.4
Total	480	100.0



## 3 O trabalho dos jornalistas na mídia, fora da mídia e na docência

O estudo dividiu a categoria em três setores: Na mídia (60,4%), fora da mídia (35%) e na docência (4,6%).

### 3.1. O trabalho dos jornalistas na mídia

Dos que trabalham na mídia (tabela 22), o segmento online é o que mais emprega, com 34,8%, confirmando a tendência atual de centralidade do digital como suporte ao jornalismo. Na sequência, os mais indicados foram: TV (20,2%) e rádio (13,1%). Houve um número significativo de pessoas que responderam a opção “Outra” (9,4%), mas parece ter havido algum equívoco na interpretação da pergunta, pois várias respostas indicavam portais de notícias, sites e até mesmo assessoria de imprensa (esse caso, fora da mídia). Vale destacar que essa confusão das atividades pode ser consequência do quadro de transformações provocadas pelas mídias digitais e redes sociais. É um indicativo da necessidade de se repensar as categorizações, gêneros e atividades do jornalismo.

Tabela 22 - Você trabalha atualmente em que tipo de mídia(s)?  
(É possível assinalar mais de uma resposta.)

	Frequência	Porcentagem válida
Agência de notícia	44	9,2
Jornal	47	9,8
Online	167	34,8
Outra. Qual?	45	9,4



Rádio	63	13,1
Revista	9	1,9
TV	97	20,2
Total respondentes	472	100.0

As empresas privadas de caráter regional são as que mais empregam os jornalistas do Norte, com 29,1%. Isso pode ser entendido pelo próprio recorte territorial da pesquisa, tendo em vista que os veículos de atuação nacional e internacional se encontram, em sua maioria, no eixo Rio-São-Paulo-Brasília. Apesar disso, 18,9% ainda responderam que atuam para empresas de atuação nacional e outros 3,5% para internacional. Instituições públicas chamam atenção, pois correspondem a 22,8%. Neste aspecto, destaca-se uma dúvida quanto às respostas sobre organizações públicas: será que houve o entendimento de que seria o trabalho como jornalista e não como assessor de imprensa (que seria do bloco de perguntas de jornalista fora da mídia)?

Tabela 23 - Como você caracteriza o perfil da instituição para a qual você trabalha? (Considere sua ocupação principal.)

	Frequência	Porcentagem válida
Empresa privada com atuação internacional	10	3.5
Empresa privada com atuação local	39	13.7
Empresa privada com atuação nacional	54	18.9
Empresa privada com atuação regional	83	29.1





Iniciativa de jornalismo independente internacional	2	0.7
Iniciativa de jornalismo independente local	7	2.5
Iniciativa de jornalismo independente nacional	4	1.4
Iniciativa de jornalismo independente regional	5	1.8
Instituição do terceiro setor (ONGs, Oscips, fundações etc.)	9	3.2
Instituição pública	65	22.8
Outra. Qual?	7	2.5
Total	285	100.0

Para ter dimensão do tamanho dessas empresas, um importante indicador é quantidade de pessoas que trabalham juntos. Os dados mostram a característica de redações pequenas na região norte, tendo em vista que mais da metade atua com até dez jornalistas ao seu lado: 31,6% de 2 a 4 jornalistas e 22,1% de 5 a 10. Outro dado que chama atenção é que 16,5% trabalham sozinhos.

Tabela 24 - Quantas (os) jornalistas trabalham com você?

	Frequência	Porcentagem válida
Acima de 51	8	2.8
De 11 a 20	48	16.8
De 2 a 4	90	31.6



De 21 a 50	29	10.2
De 5 a 10	63	22.1
Só você	47	16.5
Total	285	100.0

Sobre a função exercida, a mais citada foi a de repórter, com 36,5%. Editor aparece em segundo, com 18,9%. Percebe-se certo grau de relevância para cargos de gestão, como de coordenador (7,4%), diretor/gestor (7,45) e chefe de redação (6,7%). Os menos citados são consultor, editorialista, gestor de redes sociais, com 0,7%, cada, além de ilustrador, com 0,4%. Percebe-se que dos menos listados, duas funções podem ser associadas às mídias impressas.

Tabela 25 - Qual é a sua função?

	Frequência	Porcentagem válida
Âncora	12	4.2
Chefe de redação	19	6.7
Consultor (a)	2	0.7
Coordenador(a)	21	7.4
Diretor (a)/Gestor (a)	21	7.4
Editor (a) (inclui editor (a) executivo (a) e editor (a) assistente)	54	18.9



Editorialista	2	0.7
Gestor (a) de redes sociais	2	0.7
Ilustrador (a)	1	0.4
Outra. Qual?	18	6.3
Produtor (a)	15	5.3
Repórter	104	36.5
Repórter cinematográfica (o)	6	2.1
Repórter fotográfica (o)	8	2.8
Total	285	100.0

Os jornalistas da região norte também foram questionados sobre as atividades que exercem em seu labor diário. Os 285 respondentes que atuam na mídia geraram 1.242 marcações das opções disponíveis (era possível escolher mais de uma na questão).

A reportagem foi a atividade mais citada, com 42,9% das respostas, com produção/pauta logo atrás, com 39,4%. A edição apareceu na terceira posição, com 31,5%. Chama a atenção as atividades administrativas, que somaram 15,4% das respostas, quantidade equivalente ou maior do que funções próprias do jornalismo, como fotografia (15%), gestão de equipes (15%), chefia de redação (10,8%) e até apresentação/locução (14%).



Tabela 26 - Quais atividades você desenvolve em um dia normal de trabalho?  
(É possível assinalar mais de uma resposta.)

	Frequência	Porcentagem válida
Apresentação / Locução	67	14
Assessoria de imprensa	96	20
Atividades administrativas	74	15,4
Chefia de redação	52	10,8
Cinegrafia (captação de vídeo)	38	7,9
Comunicação interna	77	16
Diagramação / Design gráfico	22	4,6
Edição	151	31,5
Fotografia	72	15
Gestão / Coordenação (de equipes)	72	15
Gestão / Produção de conteúdo para redes sociais	72	15
Outra (s). Qual (is)?	11	2,3
Pauta / produção	189	39,4
Planejamento de projetos editoriais	43	9



Reportagem	206	42,9
Total respondentes	285	
Total respostas	1242	

### 3.2 - O trabalho dos jornalistas fora da mídia

Quanto aos jornalistas da região norte que estão no jornalismo, mas fora da mídia, a assessoria de imprensa (65,5%) é o principal ramo dessa mão-de-obra, seguido por empresas e órgãos públicos (20%). As demais opções disponíveis não superam os 5%.

Tabela 27 - Em que ramo de atuação você exerce sua atividade principal?

	Frequência	Porcentagem válida
Agência de comunicação	8	4.8
Agência de publicidade	2	1.2
Assessoria de imprensa	108	65.5
Empresas ou órgãos públicos	33	20.0
Organizações do terceiro setor ou da sociedade civil	4	2.4
Outras instituições privadas	3	1.8
Outro. Qual?	7	4.2



Total	165	100.0
-------	-----	-------

Considerando a ocupação principal de atuação fora da mídia, percebe-se uma predominância da administração pública no perfil dos empregadores: instituição pública estadual é a mais apontada pelos respondentes, com 43%. Logo atrás vem a instituição pública municipal (17%) e instituição pública federal (12,1%).

Tabela 28 - Como você caracteriza o perfil da instituição na qual trabalha?  
(Considere sua ocupação principal.)

	Frequência	Porcentagem válida
Grande empresa privada	13	7.9
Instituição pública estadual	71	43.0
Instituição pública federal	20	12.1
Instituição pública internacional	1	0.6
Instituição pública municipal	28	17.0
Média empresa privada	7	4.2
Microempreendedor (a) Individual	8	4.8
Microempresa privada	4	2.4
Pequena empresa privada	8	4.8



Propriedade mista (público-privada)	5	3.0
Total	165	100

Os dados também mostram que, fora da mídia, 74,5% atuavam em instituição pública: Executivo (44,8%), Legislativo (13,9%), Ministério Público (4,2%) e Judiciário (3,6%). 7,9% responderam "outro", mas várias atividades citadas neste item poderiam ser classificados dentro do Poder Executivo, a exemplo de respostas como "Polícia Militar", "Autarquia do Executivo", "Secretaria Municipal" etc.

O quadro do Norte difere em relação ao nacional, cuja atuação dos jornalistas fora da mídia acontece principalmente em empresas privadas (48,9%), seguido pela atuação no setor público (38,7%).

Tabela 29 - Se você atua em órgão público, por favor, indique qual poder

	Frequência	Porcentagem válida
Executivo	74	44.8
Judiciário	6	3.6
Legislativo	23	13.9
Ministério Público	7	4.2
Não atuo em órgão público	42	25.5
Outro (especifique)	13	7.9
Total	165	100



Como se pode observar na tabela a seguir, a maior parcela dos jornalistas fora da mídia na região norte tem um trabalho solitário. 38,2% dos entrevistados que responderam a essa questão disseram que exercem sozinhos a função. Os que possuem de 2 a 4 colegas de trabalho são 35,8%, e os com 5 a 10 jornalistas correspondem a 17,6%.

Tabela 30 - Quantas (os) jornalistas trabalham com você?

	Frequência	Porcentagem válida
Acima de 51	2	1.2
De 11 a 20	6	3.6
De 2 a 4	59	35.8
De 21 a 50	6	3.6
De 5 a 10	29	17.6
Só você	63	38.2
Total	165	100.0

Sobre a função exercida durante a atividade de jornalista atuando fora da mídia, 48,5% são assessores de comunicação, 12,7% responderam ser gestores da área ou de comunicação e 12,1% produtores de conteúdo. A função jornalística característica de quem atua na mídia também apareceu entre as citadas por quem está fora dela, como é o caso da atividade de repórter, selecionada por 7,3%, e de editor, com 0,6%.





Tabela 31 - Qual é a sua função?

	Frequência	Porcentagem válida
Assessor (a) de imprensa/comunicação (atendimento)	80	48.5
Consultor (a)	1	0.6
Editor (a)	1	0.6
Fotógrafa (o)	1	0.6
Gerente/coordenador (a) de projetos	3	1.8
Gerente/monitoramento de redes sociais	8	4.8
Gestor (a) de área e/ou de comunicação	21	12.7
Gestor (a) de conteúdos	4	2.4
Marketing digital e/ou Inbound Marketing	1	0.6
Outra. Qual?	6	3.6
Produtor (a) de conteúdo	20	12.1
Relações Públicas	1	0.6
Repórter	12	7.3
Sócia (o) ou sócio (a)-diretor (a)	6	3.6



Total	165	100.0
-------	-----	-------

Assessor de comunicação é a atividade mais desempenhada pelos jornalistas que trabalham fora da mídia na região norte, sendo que 29,2% desempenham essa função. Produzir conteúdo e cuidar das redes sociais também se mostra como uma tarefa com bastante frequência, correspondendo a 27,3% e 18,8%, respectivamente. Se somarmos estes índices, temos um total de 46,1%, ou seja, quase 50% de trabalho dos jornalistas fora da mídia voltados para atividades não eminentemente jornalísticas. Há de se ponderar, no entanto, o que os jornalistas estão considerando como produção de conteúdo. Algo a se investigar melhor. Atividades jornalísticas de quem está na mídia também se sobressaem: reportagem (20%) e edição (10,2%).

Tabela 32 - Quais as atividades que você exerce em um dia normal de trabalho? (É possível assinalar mais de uma resposta.)

	Frequência	Porcentagem válida
Assessor de imprensa/comunicação (atendimento)	140	29,2
Cinegrafia	17	3,5
Consultoria	29	6,0
Design gráfico	23	4,8
Edição	49	10,2
Fotografia	72	15,0
Gestão de área e/ou comunicação	73	15,2
Gestão de conteúdos	87	18,1



Gestão de projetos	33	6,9
Marketing digital e/ou Inbound Marketing	47	9,8
Monitoramento de redes sociais	90	18,8
Outra (s). Qual (is)?	7	1,5
Planejamento de negócios	15	3,1
Produção de conteúdo	131	27,3
Relações Públicas	44	9,2
Reportagem	97	20
Total respondentes	165	
Total respostas	954	

### 3.3 - O trabalho dos jornalistas em docência

Sobre o trabalho dos jornalistas que são docentes, a maioria é de Jornalismo ou Comunicação Social com habilitação em Jornalismo (95,2%). Os demais são todos de áreas correlatas: Ciências Humanas (0,6%); Outros departamentos de Comunicação Social (0,6%); Ciências Sociais Aplicadas, exceto comunicação ou jornalismo (0,4%) e Linguística, Letras e Artes (0,2%).



Tabela 33 - Em que área do conhecimento você atua como professor (a) atualmente? Assinale a partir do departamento/curso ao qual está vinculada (o). (É possível selecionar mais de uma opção.)

	Frequência	Porcentagem válida
Ciências Humanas	3	0,6
Ciências Sociais Aplicadas (exceto Comunicação ou Jornalismo)	2	0,4
Jornalismo ou Comunicação Social com habilitação em Jornalismo	20	95,2
Linguística, Letras e Artes	1	0,2
Outros departamentos de Comunicação Social (Publicidade, Relações Públicas, Rádio e TV etc)	3	0,6
Total respondentes	21	
Total respostas	29	

A maioria dos jornalistas professores ainda não está nem na metade da carreira de magistério, na região norte. Os números revelam que 71,4% possuem no máximo 15 anos como docentes, sendo a faixa de 11 a 15 anos a mais citada (33,3%). Na outra ponta, 14,3% possuem de 16 a 20 anos de atividade no magistério superior. Apenas um respondente indicou acima dos 30 anos (4,8%). Este dado pode ser reflexo dos poucos cursos da área na região (o quadro 03, mostra 21 instituições que ofereceram vagas em cursos de jornalismo na região, em 2023) e do fato de que quase a metade desses cursos tem menos de 20 anos.



Tabela 34 - Por quanto tempo você trabalha como professor (a) de jornalismo?

	Frequência	Porcentagem válida
1 a 3 anos	2	9.5
11 a 15 anos	7	33.3
16 a 20 anos	3	14.3
21 a 25 anos	1	4.8
26 a 30 anos	1	4.8
4 a 6 anos	3	14.3
7 a 10 anos	2	9.5
Mais de 30 anos	1	4.8
Menos de 1 ano	1	4.8
TOTAL	34	100

Sobre a quantidade de professores graduados em jornalismo que atuam na mesma instituição, nota-se que uma equipe de tamanho relativamente médio, sendo a opção mais citada a de 5 a 10 colegas de trabalho, com 47,6%. Diferentemente do restante do país, não houve resposta para as opções “de 21 a 50”, “acima de 51”, e “só você”.



Tabela 35 - Quantas (os) professoras graduadas (os) em Jornalismo ou com habilitação em Jornalismo trabalham com você?

	Frequência	Porcentagem válida
De 2 a 4	4	19.0
De 5 a 10	10	47.6
De 11 a 20	7	33.3
Total	21	100

A universidade federal é o tipo de instituição que mais emprega professores jornalistas na região norte, responsável por 66,7% das ocupações nesses postos de trabalho. Universidade privada corresponde a 14,3%, mesmo tendo mais instituições privadas do que públicas, conforme se pode comprovar no quadro 03.

Tabela 36 - Em que tipo de instituição de ensino superior você trabalha?  
(É possível selecionar mais de uma opção.)

	Frequência	Porcentagem válida
Centro de Ensino Superior Privado	2	9.5
Faculdade de Iniciativa Privada	1	4.8
Faculdade Federal	1	4.8
Universidade de Iniciativa Privada	3	14.3



Universidade Federal	14	66.7
Total	21	100.0

Quanto à participação como docente em programa de pós-graduação *strictu sensu*, quase a metade disse que não possui vínculo com cursos de mestrado e/ou doutorado. Dos que responderam positivamente, 28,6% estão na área da Comunicação e 9,5% na área de Ciências Humanas. 19% responderam outras áreas de conhecimento. Nessa opção, as citadas foram: Área Interdisciplinar, Eventos, Letras, Mestrado Profissional em História e Doutorado em Letras.

Tabela 37 - Você está vinculada (o) como docente à pós-graduação *stricto sensu*? (É possível selecionar mais de uma opção.)

	Frequência	Porcentagem válida
Não	10	47.6
Sim, em outra (s) área (s) do conhecimento. Qual (is)?	4	19.0
Sim, na área da Comunicação	6	28.6
Sim, nas Ciências Humanas	2	9.5
Total respondentes	21	100.0
Total respostas	22	



## 4 Características gerais do trabalho, indicadores de saúde e segurança

Na região norte, o jornalista parece sofrer com a alta rotatividade nas redações. 51,8% dos respondentes está a até três anos no seu trabalho principal: 24,5% até um ano e a maior parcela na faixa entre 1 e 3 anos, com 27,3%. De 3 a 6 anos eram 16,1%, enquanto de 10 a 20 anos outros 11,2%. Mais de 30 anos era o tempo de trabalho de apenas 1,7%. Como destacado neste trabalho, a estrutura de mídia na região norte é frágil. Há poucos veículos tradicionais consolidados e as iniciativas independentes são recentes. Segundo o Atlas da Notícia (2023), a região norte tem o menor mercado de mídia regional no país, contando com pouco mais de 1.000 veículos registrados.

Tabela 38 - Você está há quanto tempo no seu trabalho principal?

	Frequência	Porcentagem válida
Até 1 ano	114	24.5
De 10 a 20 anos	52	11.2
De 3 a 6 anos	75	16.1
Entre 1 e 3 anos	127	27.3
Entre 20 e 30 anos	15	3.2
Entre 6 e 10 anos	63	13.5
Mais de 30 anos	8	1.7





Outro (especifique)	12	2.6
Total	466	100.0

A empresa ou outro local de trabalho relacionado é o lugar mais citado onde os jornalistas da região norte executam suas atividades. Essa opção foi citada por 44,2% dos respondentes. Percebe-se, contudo, relativa presença dos jornalistas no sistema “home office”, pois 26,6% dizem que trabalham em casa. Isso também pode ser uma consequência da pandemia da Covid.

Tabela 39 - Considerando os últimos seis meses, onde você executa seu trabalho principal na maior parte do tempo?

	Frequência	Porcentagem válida
Em casa	124	26,6
Em empresa ou outro local de trabalho	206	44,2
Em local privado com acesso à Internet	15	3.2
Em local público com acesso à Internet	31	6.7
Outro. Onde?	8	1.7
Parte em casa e outra parte do tempo na organização em que trabalho	82	17.6
Total	466	100.0



Quanto ao apoio de infraestrutura recebido pelos jornalistas para exercer as suas atividades, 48,7% utilizam equipamentos cedidos pela própria empresa. 35,6% disseram que os itens são próprios e 0,6% afirmaram que usam de familiares. Ou seja, mais de 36% precisam usar os próprios equipamentos para trabalhar. Um número que chama a atenção e indica precarização do trabalho.

Tabela 40 - Os equipamentos, móveis, softwares e outros itens necessários para seu trabalho foram pagos por quem? (Considere os últimos seis meses e o lugar onde você passa mais tempo trabalhando.)

	Frequência	Porcentagem válida
Instituição/empresa para a qual trabalho	227	48.7
Parte por mim e parte pela instituição contratante	70	15.0
Por familiares	3	0.6
Por mim mesma (o)	166	35.6
Total	466	100.0

Ter apenas um emprego como jornalista não parece ser a realidade dos profissionais na região, já que 45% disseram que tem outras ocupações: sendo que 31,5% possuem dois empregos; 11,8% trabalham em três lugares e, surpreendentemente, tem jornalista que atua em quatro ou mais empregos/atividades (1,7%). Ao analisar este dado com as informações das tabelas acima (38,39 e 40), é possível perceber com clareza o contexto de um mercado de mídia pouco estruturado e de precarização do trabalho jornalístico, seja em função de pouca oferta quanto de estrutura e de remuneração. Ter de trabalhar em mais de dois empregos, como regra, é desgastante, sem falar no fator qualidade, que pode ser prejudicado.



Tabela 41 - Incluindo sua ocupação principal, quantos empregos (ou fontes de renda) diferentes você tem atualmente?

	Frequência	Porcentagem válida
Um	230	49.4
Dois	147	31.5
Três	55	11.8
Quatro ou mais	8	1.7
Atuo como freelancer	9	1.9
Nenhum	17	3.6
Total	466	100.0

A atividade secundária mais citada entre as pessoas que possuíam mais de um emprego ou fonte de renda, a opção “na mídia” se sobressaiu, com 42,9%. Atrás apareceram trabalhos fora da mídia, com 31,5% e fora do jornalismo, com 21%. Entre as respostas citadas estão as mais diversas possíveis, como: pesquisador, bolsista de pós-graduação, comerciante, artesanatos, motorista de app, freelancer, marqueteiro, músico, vendedor, engenheiro, advogado etc. Se somarmos os que disseram fora da mídia com os que responderam fora do jornalismo temos mais de 50% de atividades secundárias distintas das da área de atuação. Mais uma vez a situação apresenta um quadro preocupante, que resvala na desvalorização da profissão.



Tabela 42 - Se você tem mais de um emprego ou fonte de renda, qual a área de atuação da atividade secundária? (É possível assinalar mais de uma opção.)

	Frequência	Porcentagem válida
Só tenho um trabalho	9	4.1
Mídia (veículos de comunicação, produtoras de conteúdo jornalístico etc.)	94	42.9
Docência (na formação superior de jornalistas ou outras áreas de conhecimento)	4	1.8
Fora da mídia, em outras atividades (assessoria de imprensa ou comunicação ou outras ações que utilizam conhecimento)	69	31.5
Fora do jornalismo ou qualquer função relacionada a ele. Qual área?	46	21.0
Total respondentes	219	100.0
Total respostas	441	

Quanto à média de horas trabalhadas, apenas 23% trabalham até 6 horas por dia. O restante exerce as atividades com jornada acima disso. A média mais citada pelos jornalistas da região norte está entre a 7 e 8 horas (32,4%). Contudo, percebe-se ainda um número alto na soma das médias de 9 a 10 horas, com a de 11 a 12 horas, e a de 13 horas ou mais, chegando a 44,2%. Juntando os vários locais de trabalho, o uso de equipamentos próprios e a alta carga horária de trabalho, nota-se, como já dito, que os jornalistas no Norte estão trabalhando em condições muito desfavoráveis.



Tabela 43 - Em média quantas horas você trabalha por dia?

	Frequência	Porcentagem válida
Até 4 horas	9	2.2
De 5 a 6 horas	88	21.3
Entre 7 e 8 horas	134	32.4
De 9 a 10 horas	104	25.1
Entre 11 e 12 horas	56	13.5
13 horas ou mais	23	5.6
Total	414	100.0

Pelo menos quatro folgas durante o mês é o que 27,3% dos jornalistas da região norte possuem. Outros 24,9% chegam a tirar oito. Os números ainda mostram a precarização de parte dos jornalistas locais ao revelar que 11,6% não tiram nenhuma folga, 7,7% apenas uma, e 11,4% apenas duas.

Tabela 44 - Em geral, quantas folgas você tem em um mês de trabalho (ao menos 24h de descanso ininterruptas)?

	Frequência	Porcentagem válida
0	48	11.6
1	32	7.7



2	47	11.4
3	12	2.9
4	113	27.3
5	15	3.6
6	35	8.5
7	3	0.7
8	103	24.9
9	1	0.2
10	2	0.5
12	3	0.7
Total	414	100.0

#### 4.1 - Indicadores de saúde laboral e segurança

Quanto à saúde laboral, 59,9% assumiram que se sentem estressados, enquanto outros 40,1% disseram que não. 35,3% já foram diagnosticados com estresse e 20% com algum transtorno mental relacionado ao seu trabalho de jornalista. Isso indica que muitos profissionais acabam não procurando médicos e é possível que não estejam passando por tratamentos adequados.



Tabela 45 - Você se sente estressada (o) no trabalho?

	Frequência	Porcentagem válida
Sim	248	59.9
Não	166	40.1
Total	414	100.0

Tabela 46 - Você já foi diagnosticada (o) com estresse?

	Frequência	Porcentagem válida
Sim	146	35.3
Não	268	64.7
Total	414	100.0

Tabela 47 - Você já foi diagnosticada (o) com algum transtorno mental relacionado ao seu trabalho?

	Frequência	Porcentagem válida
Sim	83	20.0
Não	331	80.0



Total	414	100.0
-------	-----	-------

O consumo de antidepressivos é realidade para 26,6% dos jornalistas da região norte. Os diagnosticados com algum tipo de sintoma de LER/DORT chegaram a 22,5%. Contudo, apenas 8,2% pegaram algum tipo de licença do trabalho em razão de sintomas do LER/DORT.

Tabela 48 - Você já recebeu indicação para tomar antidepressivos?

	Frequência	Porcentagem válida
Sim	110	26.6
Não	304	73.4
Total	414	100.0

Tabela 49 - Você já foi diagnosticada (o) com algum sintoma de LER/DORT?

	Frequência	Porcentagem válida
Sim	93	22.5
Não	321	77.5
Total	414	100.0





Tabela 50 - Você já precisou pegar licença do trabalho por problemas de LER/DORT?

	Frequência	Porcentagem válida
Sim	34	8.2
Não	380	91.8
Total	414	100.0

Na região norte, a maior parte dos jornalistas considera que seus esforços no trabalho não são devidamente reconhecidos. O índice chega a 58%. Além disso, 75,1% afirmaram que é comum trabalhar mais do que o pré-estabelecido, como se pode ver na tabela 52.

Tabela 51 - Você considera que seus esforços no trabalho são devidamente reconhecidos?

	Frequência	Porcentagem válida
Sim	174	42.0
Não	240	58.0
Total	414	100.0



Tabela 52 - É comum você trabalhar mais do que o contratado (fazer horas-extras)?

	Frequência	Porcentagem válida
Sim	311	75.1
Não	103	24.9
Total	414	100.0

47,6% dos jornalistas do mercado de trabalho nortistas confirmaram que sofreram algum tipo de assédio moral no trabalho. E surpreende o índice de assédio sexual, que chega a 17,6%. Mesmo sendo inferior ao assédio em geral, não se pode ignorar que quase 20% dos jornalistas no Norte foram sexualmente assediados, como se pode ver na tabela 54. Quando à violência verbal, 42,3% afirmaram que sofreram esse tipo de violência, indicador bem superior às agressões físicas (5,3%), como demonstram as tabelas 55 e 56.

Tabela 53 - Você já sofreu assédio moral no trabalho?

	Frequência	Porcentagem válida
Sim	197	47.6
Não	217	52.4
Total	414	100.0



Tabela 54 - Você já sofreu assédio sexual no trabalho?

	Frequência	Porcentagem válida
Sim	73	17.6
Não	341	82.4
Total	414	100.0

Tabela 55 - Você já sofreu violência verbal no trabalho?

	Frequência	Porcentagem válida
Sim	175	42.3
Não	239	57.7
Total	414	100.0

Tabela 56 - Você já foi agredida (o) fisicamente no trabalho ou em decorrência dele?

	Frequência	Porcentagem válida
Sim	22	5.3
Não	392	94.7
Total	414	100.0



Em relação a ataques virtuais ou ameaças decorrentes do trabalho, 33,1% disseram que já foram vítimas dessa prática. Além disso, 37,9% relataram que foram vigiados ou monitorados de forma digital por superiores hierárquicos; 51% já sofreu algum tipo de constrangimento no ambiente de trabalho por parte dos gestores, 26,8% já teve que realizar alguma atividade sob coação e 47,1% já deixou de fazer alguma atividade profissional por receio de sofrer alguma retaliação de ordem superior.

Os dados mostram um ambiente de trabalho hostil nas redações jornalísticas da região norte, demonstrando que os jornalistas estão trabalhando vigiados, sob pressão. E se associarmos esse cenário de ambiente pouco saudável para trabalhar, à carga horária exaustiva, ao trabalho em mais de um emprego, ao exercício de atividades paralelas distintas da área de atuação, pode-se dizer que os jornalistas no Norte vivem um contexto profissional adverso.

Apesar de toda a situação desfavorável e dos índices altos de assédio e/ou violência (como se pode observar nas tabelas 57, 58, 59, 60 e 61) as denúncias ainda estão bem aquém do que tal quadro revela, pois somente 8,2% disseram que já formalizaram denúncia em relação a algum tipo de assédio, ameaça ou agressão (tabela 62).

Tabela 57 - Você já sofreu ataques ou ameaças virtuais devido ao seu trabalho?

	Frequência	Porcentagem válida
Sim	137	33.1
Não	277	66.9
Total	414	100.0



Tabela 58 - Você já sofreu vigilância/monitoramento digital por superiores hierárquicos?

	Frequência	Porcentagem válida
Sim	157	37.9
Não	257	62.1
Total	414	100.0

Tabela 59 - Você já foi constrangida (o) no trabalho por gestores ou superiores?

	Frequência	Porcentagem válida
Sim	211	51.0
Não	203	49.0
Total	414	100.0

Tabela 60 - Você já realizou alguma atividade profissional sob algum tipo de coação?

	Frequência	Porcentagem válida
Sim	111	26.8
Não	303	73.2



Total	414	100.0
-------	-----	-------

Tabela 61 - Você já deixou de realizar alguma atividade profissional por receio de sofrer retaliação?

	Frequência	Porcentagem válida
Sim	195	47.1
Não	219	52.9
Total	414	100.0

Tabela 62 - Você já formalizou denúncia em relação a algum tipo de assédio, ameaça ou agressão?

	Frequência	Porcentagem válida
Não	34	8.2
Sim	380	91.8
TOTAL	414	100.0

Os ataques decorrentes do trabalho jornalístico não se limitam a apenas ao profissional. Na região norte, 5,6% dos respondentes disseram que os seus familiares já sofreram ataques.

Sobre a violência com terceiros, 55,8% afirmaram que já presenciaram alguma situação de assédio moral no trabalho contra colega ou conhecido. Em casos de assédios sexuais, o índice é de 22,2%. Neste caso, observa-se que há mais pessoas que assumem ter visto algum tipo de assédio sexual com colegas do que as que assumiram ter sofrido esse assédio, como



destaco na tabela 54.

Tabela 63 - Seus familiares já sofreram ataques ou ameaças devido ao seu trabalho?

	Frequência	Porcentagem válida
Não	23	5.6
Sim	391	94.4
TOTAL	414	100.0

Tabela 64 - Você já presenciou alguma situação de assédio moral no trabalho contra colega/conhecida(o)?

	Frequência	Porcentagem válida
Sim	231	55.8
Não	183	44.2
Total	414	100.0

Tabela 65 - Você já presenciou alguma situação de assédio sexual no trabalho contra colega/conhecida(o)?

	Frequência	Porcentagem válida
Sim	92	22.2



Não	322	77.8
Total	414	100.0





## 5 Satisfação no trabalho, perspectivas de futuro, crença e religião

Em relação às chances de subir na carreira dentro do atual posto da ocupação principal, a soma dos que estão satisfeitos chega a 39,9%, superior aos que se encontravam na condição de insatisfeitos (24,2%). Parece contraditório que quase 40% dos respondentes dizem estar satisfeitos com as possibilidades de promoção, pois dados já apresentados não deixam dúvidas da situação precária do labor jornalístico dos entrevistados. Talvez essa resposta tenha mais a ver com a expectativa, com o desejo de um emprego mais estável, que pague melhor e que seja possível diminuir o ritmo de várias atividades em múltiplos locais. Algo a refletir.

Tabela 66 - Possibilidades de promoção

	Frequência	Porcentagem válida
Insatisfeita (o)	65	15.7
Muito insatisfeita (o)	35	8.5
Muito satisfeita (o)	45	10.9
Não se aplica	40	9.7
Nem satisfeita (o), nem insatisfeita (o)	109	26.3
Satisfeita (o)	120	29.0
Total	414	100.0

A satisfação com as funções que realizam também obteve a maioria das respostas, alcançando 51,7%. Somando com a opção “muito satisfeita”, o indicador chega a 54,4%, bem superior à quantidade de jornalistas que não estavam contentes com o trabalho desempenhado.



Tabela 67 - Funções que realiza (tipo de trabalho)

	Frequência	Porcentagem válida
Muito satisfeita (o)	57	13.8
Satisfeita (o)	214	51.7
Nem satisfeita (o), nem insatisfeita (o)	90	21.7
Insatisfeita (o)	40	9.7
Muito insatisfeita (o)	11	2.7
Não se aplica	2	0.5
Total	414	100.0

A satisfação sobre as funções pode ter refletido na percepção dos jornalistas sobre a carga de trabalho: 41,3% disseram que estavam satisfeitos nessa questão. O que é um pouco incongruente, já que na tabela 43 ficou claro o excesso da carga horária da maioria dos respondentes, pois somente 23% trabalham até 6 horas por dia. O restante exerce as atividades com jornada acima disso: a soma das médias de 9 a 10 horas, com a de 11 a 12 horas, e a de 13 horas ou mais, chega a 44,2%.

Tabela 68 - Carga de trabalho

	Frequência	Porcentagem válida
Insatisfeita (o)	74	17.9
Muito insatisfeita (o)	36	8.7
Muito satisfeita (o)	34	8.2
Não se aplica	4	1.0
Nem satisfeita (o), nem insatisfeita (o)	95	22.9
Satisfeita (o)	171	41.3
Total	414	100.0



Quanto à intensidade da rotina, 43,2% responderam que estavam satisfeitos (35,5% satisfeitos e 7,5 muito satisfeitos). 26,8% responderam que não estavam nem satisfeitos nem insatisfeitos. Resultado semelhante apareceu quando questionados sobre a jornada laboral (tabela 70), ou seja, aquela trabalhada diariamente: 47,8% têm a percepção de que estão satisfeitos (40,1% satisfeitos e 7,7% muito satisfeitos). É preocupante pensar que pessoas que estão trabalhando acima da média, em mais de um local e com remuneração insatisfatória, como apontados em outras questões, podem estar satisfeitos com a intensidade da rotina.

Tabela 69 - Intensidade da rotina

	Frequência	Porcentagem válida
Insatisfeita (o)	91	22.0
Muito insatisfeita (o)	32	7.7
Muito satisfeita (o)	31	7.5
Não se aplica	2	0.5
Nem satisfeita (o), nem insatisfeita (o)	111	26.8
Satisfeita (o)	147	35.5
Total	414	100.0

Tabela 70 - Jornada laboral (horas trabalhadas/escala)

	Frequência	Porcentagem válida
Insatisfeita (o)	75	18.1
Muito insatisfeita (o)	31	7.5
Muito satisfeita (o)	32	7.7
Não se aplica	6	1.4



Nem satisfeita (o), nem insatisfeita (o)	104	25.1
Satisfeita (o)	166	40.1
Total	414	100.0

Se os jornalistas da região norte disseram que estavam satisfeitos sobre sua jornada, rotina e funções desempenhadas, o mesmo não pôde ser verificado em relação à remuneração. 49,1% se mostraram insatisfeitos com seu salário mensal (somando os 31,2% insatisfeitos com os 17,9% muito insatisfeitos). Sobre os benefícios não salariais, a percepção também foi negativa: 46,6% estavam com insatisfação (31,2% insatisfeitos e 17,9% muito insatisfeitos). Supondo que esta resposta seja em relação à atividade principal, essa informação complementa os dados obtidos quanto ao número de empregos/atividades que exercem. Ou seja, os jornalistas no Norte precisam trabalhar mais tempo, em mais empregos/atividades para ter uma remuneração melhor.

Tabela 71 - Remuneração

	Frequência	Porcentagem válida
Insatisfeita (o)	129	31.2
Muito insatisfeita (o)	74	17.9
Muito satisfeita (o)	27	6.5
Não se aplica	2	0.5
Nem satisfeita (o), nem insatisfeita (o)	81	19.6
Satisfeita (o)	101	24.4
Total	414	100.0



Tabela 72 - Outros benefícios não salariais

	Frequência	Porcentagem válida
Insatisfeita (o)	111	26.8
Muito insatisfeita (o)	82	19.8
Muito satisfeita (o)	15	3.6
Não se aplica	59	14.3
Nem satisfeita (o), nem insatisfeita (o)	73	17.6
Satisfeita (o)	74	17.9
Total	414	100.0

Nas relações interpessoais no trabalho, mesmo levando em consideração os casos confirmados de assédios e de ameaças relatados nas tabelas anteriores, 64,3% avaliam como positiva as relações (16,7% muito satisfeita e 47,6% satisfeita). O índice de insatisfação é baixo, sendo 8,9% insatisfeitos e 3,9% muito insatisfeitos. Nem satisfeito nem insatisfeito somou 21,7%.

Tabela 73 - Relações interpessoais no trabalho

	Frequência	Porcentagem válida
Insatisfeita (o)	37	8.9
Muito insatisfeita (o)	16	3.9
Muito satisfeita (o)	69	16.7
Não se aplica	5	1.2
Nem satisfeita (o), nem insatisfeita (o)	90	21.7
Satisfeita (o)	197	47.6
Total	414	100.0



Sobre a experiência profissional, 82,3% apontaram estar satisfeitos (51,4% satisfeitos e 30,9% muito satisfeitos). O indicador pode ser reflexo com a linha editorial ou segmento de atuação dos jornalistas. Nessa questão, 69,3% responderam positivamente, sendo 49,5% satisfeitos e 19,8% muito satisfeitos. O resultado foi semelhante para os princípios e valores da empresa/organização onde atua: 40,3% como satisfeitos e 17,4% como muito satisfeitos.

Tabela 74 - Experiência profissional

	Frequência	Porcentagem válida
Insatisfeita (o)	20	4.8
Muito insatisfeita (o)	11	2.7
Muito satisfeita (o)	128	30.9
Não se aplica	3	0.7
Nem satisfeita (o), nem insatisfeita (o)	39	9.4
Satisfeita (o)	213	51.4
Total	414	100.0

Tabela 75 - Linha editorial ou segmento de atuação

	Frequência	Porcentagem válida
Insatisfeita (o)	34	8.2
Muito insatisfeita (o)	11	2.7
Muito satisfeita (o)	82	19.8
Não se aplica	12	2.9
Nem satisfeita (o), nem insatisfeita (o)	70	16.9
Satisfeita (o)	205	49.5
Total	414	100.0



Tabela 76 - Princípios e valores da empresa/organização

	Frequência	Porcentagem válida
Insatisfeita (o)	54	13.0
Muito insatisfeita (o)	18	4.3
Muito satisfeita (o)	72	17.4
Não se aplica	10	2.4
Nem satisfeita (o), nem insatisfeita (o)	93	22.5
Satisfeita (o)	167	40.3
Total	414	100.0

A autoestima da percepção dos jornalistas sobre o prestígio social também está elevada: 58,7% responderam positivamente (43,7% satisfeitos e 15% muito satisfeitos). Sobre a capacidade de poder influenciar em assuntos públicos, 45,2% dos jornalistas disseram estar satisfeitos e 15,2% muito satisfeitos. Já em relação à possibilidade de desenvolver uma especialização ou aprimoramento profissional, os indicadores positivos foram menos elevados, com 37,9% para satisfeitos e 11,6% como muito satisfeitos.

Tabela 77 - Prestígio social

	Frequência	Porcentagem válida
Insatisfeita (o)	30	7.2
Muito insatisfeita (o)	15	3.6
Muito satisfeita (o)	62	15.0
Não se aplica	17	4.1
Nem satisfeita (o), nem insatisfeita (o)	109	26.3
Satisfeita (o)	181	43.7
Total	414	100.0



Tabela 78 - Possibilidade de influenciar em assuntos públicos

	Frequência	Porcentagem válida
Insatisfeita (o)	35	8.5
Muito insatisfeita (o)	13	3.1
Muito satisfeita (o)	63	15.2
Não se aplica	16	3.9
Nem satisfeita (o), nem insatisfeita (o)	100	24.2
Satisfeita (o)	187	45.2
Total	414	100.0

Tabela 79 - Possibilidade de desenvolver  
uma especialização ou aprimoramento profissional

	Frequência	Porcentagem válida
Insatisfeita (o)	57	13.8
Muito insatisfeita (o)	18	4.3
Muito satisfeita (o)	48	11.6
Não se aplica	25	6.0
Nem satisfeita (o), nem insatisfeita (o)	109	26.3
Satisfeita (o)	157	37.9
Total	414	100.0

Quanto à qualidade de vida que leva como jornalista, há uma proximidade entre os satisfeitos e insatisfeitos. Os que responderam positivamente somam 42,5% (33,6% satisfeitos e 8,9% muito satisfeitos), enquanto os que avaliam a qualidade de vida negativa chegam a 29% (21,5% como insatisfeito e 7,5% como muito insatisfeito). Uma parcela de 27,3% se mostra indiferente. Chama a atenção quase 30% dos entrevistados ser indiferente à questão





da qualidade de vida. O volume de trabalho, as múltiplas atividades, relatados em questões anteriores, podem levar os jornalistas a um processo de condicionamento ao trabalho, a uma normalização da rotina, do cansaço e do stress (também apontados como elevados, conforme tabelas 128 e 129), levando-os a não pensar na necessidade de ter melhor qualidade de vida.

Tabela 80 - Qualidade de vida

	Frequência	Porcentagem válida
Insatisfeita (o)	89	21.5
Muito insatisfeita (o)	31	7.5
Muito satisfeita (o)	37	8.9
Não se aplica	5	1.2
Nem satisfeita (o), nem insatisfeita (o)	113	27.3
Satisfeita (o)	139	33.6
Total	414	100.0

Sobre a perspectiva de futuro dos jornalistas, 42,8% não querem mudar de emprego: 24,2% querem seguir na mesma organização e nas mesmas funções e 18,6% pretendem continuar na empresa e ser promovidos. 16,2% almejam entrar em uma organização de maior porte. Já em relação aos que pretendem deixar a carreira, 1,9% querem entrar para docência, 8,9% ingressar no serviço público em funções jornalísticas e 11,1% mudar para área não jornalística.



Tabela 81 - Qual é o seu projeto em relação à sua atuação profissional em um futuro próximo (um a dois anos)?

	Frequência	Porcentagem válida
Deixar a carreira atual e atuar como docente	8	1.9
Deixar a carreira atual e atuar como jornalista profissional contratada (o)	9	2.2
Deixar a carreira atual e atuar em funções não-jornalísticas	46	11.1
Deixar a carreira atual e ingressar no serviço público em funções jornalísticas	37	8.9
Entrar em uma organização de maior porte	67	16.2
Ingressar na carreira pública como docente	25	6.0
Outro. Qual?	32	7.7
Pretendo me aposentar em breve	13	3.1
Seguir na mesma organização em que estou e nas funções que exerço	100	24.2
Seguir na organização que estou e ser promovida (o)	77	18.6
Total	414	100.0

## 5.1. Crença, religião e características políticas

Questionados se são adeptos a alguma religião, os jornalistas da região norte são, em sua maioria, praticantes de alguma doutrina, com 78%. Outros 22% se dividem entre agnósticos e ateístas.



Tabela 82 - Você é adepta (o) a alguma fé, religião ou culto?

	Frequência	Porcentagem válida
Não, sou agnóstico/agnóstica	65	15.7
Não, sou ateu/ateia	26	6.3
Sim. Qual (is)?	323	78.0
Total	414	100.0

Sobre a filiação sindical, apenas 30,9% estão inscritos na instituição representativa de classe em seu estado. Dos filiados, 85,9% disseram que estão em sindicatos de jornalistas e 6,3% no de professores. Contudo, outros 16,4% responderam que estão no de outras categorias, sendo a maioria entidades representativas gerais da categoria de servidores públicos.

Tabela 83 - Você é filiada (o) a algum sindicato?

	Frequência	Porcentagem válida
Não	286	69.1
Sim	128	30.9
Total	414	100.0

Tabela 84 - A qual (is) sindicato você é filiada (o)?

	Frequência	Porcentagem válida
Sindicato de jornalistas	110	85.9
Sindicato de outra categoria. Qual?	21	16.4
Sindicato de professores	8	6.3
Total respondentes	128	100.0
Total respostas	139	



O que mais afasta os jornalistas da região norte dos sindicatos é a falta de interesse próprio, com 22,3%. Mas percebe-se que as entidades sindicais também não demonstram uma busca ativa, pois 17,1% disseram que as entidades não respondem às demandas específicas da área e 8,8% afirmaram que desconheciam o sindicato. A diretoria também era o principal problema, seja como colegiado que não representa a categoria (4,4%), seja como empecilho que dificulta a sindicalização (3,5%).

Tabela 85 - Por que você não é filiada (o) ao sindicato da sua categoria?

	Frequência	Porcentagem válida
Diretoria dificulta sindicalização	17	3,5
Diretoria do sindicato não representa a categoria	21	4,4
Não conheço o sindicato	42	8,8
Não tenho interesse	107	22,3
Outra (s) razão (ões). Qual (is)?	57	11,9
Sindicato não responde às demandas específicas da minha área de atuação	82	17,1
Total respondentes	286	100.0
Total respostas	326	

A adesão de jornalistas a partidos políticos na região norte é baixa, com 86,3% não filiados a qualquer legenda partidária. Dos que estão vinculados a partidos, o PT é o mais citado, por 2,2%. MDB, PP e PSOL, aparece com 1,2%, cada. O PSL, com 1%, completou a lista das legendas com pelo menos 1%.



Tabela 86 - Você é filiada (o) a algum partido político? Se sim, indique qual.

	Frequência	Porcentagem válida
Outro. Qual?	3	0.7
Não sou filiada (o) a partido político	352	86.3
CIDADANIA	2	0.5
DEM	1	0.2
MDB	5	1.2
NOVO	1	0.2
PATRIOTA	2	0.5
PCdoB	1	0.2
PCO	1	0.2
PDT	3	0.7
PL	1	0.2
PODE	1	0.2
PP	5	1.2
PROS	1	0.2
PRTB	2	0.5
PSB	1	0.2
PSC	1	0.2
PSDB	1	0.2
PSL	4	1.0
PSOL	5	1.2
PT	9	2.2
PTB	1	0.2



PV	1	0.2
REDE	1	0.2
REPUBLICANOS	2	0.5
UP	1	0.2
Total	408	100.0

Em relação à posição do pensamento ideológico, 55,3% são do espectro político de esquerda, sendo 36% de esquerda, 18,6% do centro-esquerda e 0,7% da extrema-esquerda. Do outro lado da ponta, 6,1% são de direita, 4,2% de centro-direita e 0,2% da extrema-direita. Os do centro são 10,8%. Outros 19,4% não quiseram informar.

Tabela 87 - Como você define seu posicionamento ideológico?

	Frequência	Porcentagem válida
Centro	44	10.8
Centro-direita	17	4.2
Centro-esquerda	76	18.6
Direita	25	6.1
Esquerda	147	36.0
Extrema direita	1	0.2
Extrema esquerda	3	0.7
Não quero informar	79	19.4
Outro. Qual?	16	3.9
Total	408	100.0

Dos jornalistas respondentes da região norte, 38,5% disseram que nunca atuaram em uma associação ou organização social. Outros 33,1% afirmaram que atuaram no pas-



sado. Ou seja, 71,6% não fazem parte de nenhuma associação ou organização. Dos que responderam que “sim”, as instituições de religião foram mais citadas, com 8,6%. De cultura vem logo atrás, com 5,9%. Organizações de assistência social e de educação e pesquisa também mereceram destaque, com 4,7%, cada.

Tabela 88 - Você atua em algum tipo de associação ou organização social?

	Frequência	Porcentagem válida
Não atuo, mas já atuei	135	33.1
Nunca atuei	157	38.5
Sim, Assistência social	19	4.7
Sim, Associações patronais e/ou profissionais	9	2.2
Sim, Cultura e recreação	24	5.9
Sim, Desenvolvimento e defesa de direitos	12	2.9
Sim, Educação e pesquisa	19	4.7
Sim, em outro segmento. Qual?	31	7.6
Sim, Habitação	3	0.7
Sim, Meio ambiente	15	3.7
Sim, Proteção animal	7	1.7
Sim, Religião	35	8.6
Sim, Saúde	3	0.7
Total respondentes	408	100.0
Total respostas	469	

Tendo em vista as respostas às questões sobre posição ideológica engajamento político, sindical e social percebe-se uma tendência mais conservadora se levarmos em conta que, mesmo tendo mais jornalistas alinhados à esquerda, tem mais de 20% que se identificam com opções que vão de centro a extrema-direita. Outro dado que pode ser considerado



nessa direção é a baixa participação em movimento sindical e em representações sociais (sendo que, dos que responderam fazer parte de alguma organização, a maioria está ligada à religião).





## 6 Qualidade de vida no trabalho, indicadores de precarização e valores éticos

Procurando ter mais informações sobre saúde, trabalho e valores éticos, foram propostas questões opcionais, às quais a maioria aceitou responder, conforme indicado na tabela 89.

Tabela 89 - A seguir, faremos algumas perguntas complementares para compreender melhor questões ligadas sobre condições de trabalho, saúde e valores éticos. Você aceita continuar? (Leva entre 5 e 10 min para concluir.)

	Frequência	Porcentagem válida
Não, quero encerrar aqui	89	21.8
Sim, quero continuar	319	78.2
Total	408	100.0

No Norte, 55,7% dos companheiros com quem os jornalistas viviam tinham algum trabalho no momento da pesquisa. Nessa questão, o respondente deveria indicar a profissão do cônjuge. As mais citadas foram Jornalismo ou próximas à área, com 17 respostas. Também teve citação das áreas da segurança pública, a exemplo de policiais militares; da saúde, com enfermeiros e fisioterapeutas; da educação, com professores e pesquisadores; e atividades liberais, como advogados, engenheiros, eletricitas, vendedores por conta própria etc.



Tabela 90 - Se você for casada (o) ou vive com companheiro (a), indique a profissão dele (a):

	Frequência	Porcentagem válida
Parceira (o) trabalha com (digite o nome da profissão):	160	55.7
Vivo sozinho (o)	127	44.3
Total	287	100.0

Sobre o ritmo de trabalho ser muito intenso, 75,8% concordaram, sendo que 43,7% disseram que concordam totalmente, e 32,1% parcialmente. Apenas 4,1% responderam que discordavam totalmente, e 8,9% discordavam parcialmente.

Tabela 91 - O ritmo de trabalho é muito intenso

	Frequência	Porcentagem válida
Concordo parcialmente	94	32.1
Concordo totalmente	128	43.7
Discordo parcialmente	26	8.9
Discordo totalmente	12	4.1
Não se aplica	8	2.7
Nem concordo, nem discordo	25	8.5
Total	293	100.0

Em relação as tarefas, 67,8% dos respondentes dessa questão concordavam que as desempenhavam sob pressão de prazos, sendo 33,8% tanto para quem concordava parcialmente e totalmente. Outros 20,8% disseram que discordavam, sendo 12,3% parcialmente e 8,5% totalmente.



Tabela 92 - As tarefas sempre são cumpridas com pressão de prazos

	Frequência	Porcentagem válida
Concordo parcialmente	99	33.8
Concordo totalmente	99	33.8
Discordo parcialmente	36	12.3
Discordo totalmente	25	8.5
Não se aplica	7	2.4
Nem concordo, nem discordo	27	9.2
Total	293	100.0

Os jornalistas da região norte acreditavam que o número de pessoas na equipe era insuficiente para realizar as suas atividades jornalísticas dentro da empresa. 20,5% concordavam parcialmente e 48,5% totalmente. Outros 10,9% discordavam parcialmente, enquanto 7,5% totalmente.

Tabela 93 - O número de pessoas na equipe é insuficiente para realizar as atividades

	Frequência	Porcentagem válida
Concordo parcialmente	60	20.5
Concordo totalmente	142	48.5
Discordo parcialmente	32	10.9
Discordo totalmente	22	7.5
Não se aplica	11	3.8
Nem concordo, nem discordo	26	8.9
Total	293	100.0



Questionado sobre a falta de tempo para realizar pausas do descanso, 28,7% disseram que concordavam totalmente, enquanto 23,5% parcialmente. 30,4% discordavam sendo 15% parcialmente e 15,4% totalmente.

Tabela 94 - Falta tempo para realizar pausas de descanso

	Frequência	Porcentagem válida
Concordo parcialmente	69	23.5
Concordo totalmente	84	28.7
Discordo parcialmente	44	15.0
Discordo totalmente	45	15.4
Não se aplica	17	5.8
Nem concordo, nem discordo	34	11.6
Total	293	100.0

A distribuição de tarefas é outro indicador importante para aferir a precarização do jornalismo da região norte. Nessa questão, 27% concordavam totalmente que a divisão das atividades no trabalho era injusta, enquanto 22,2% parcialmente. 15,4% discordavam totalmente e 9,9% parcialmente. 17,7% nem discordava nem concordava.

Tabela 95 - A distribuição de tarefas é injusta

	Frequência	Porcentagem válida
Concordo parcialmente	65	22.2
Concordo totalmente	79	27.0
Discordo parcialmente	29	9.9
Discordo totalmente	45	15.4
Não se aplica	23	7.8
Nem concordo, nem discordo	52	17.7



Total	293	100.0
-------	-----	-------

Além de exercerem suas atividades dentro da empresa, os jornalistas confirmaram que levam trabalho com frequência para terminar em casa (24,9% concordavam parcialmente com a afirmação, e 29,7% totalmente).

Tabela 96 - Levo trabalho para terminar em casa com frequência

	Frequência	Porcentagem válida
Concordo parcialmente	73	24.9
Concordo totalmente	87	29.7
Discordo parcialmente	26	8.9
Discordo totalmente	36	12.3
Não se aplica	43	14.7
Nem concordo, nem discordo	28	9.6
Total	293	100.0

A maioria dos jornalistas da região norte discordavam da afirmação de que eram ruins as condições de infraestrutura do ambiente de trabalho, sendo 30% totalmente e 15,4% parcialmente. 16,4%, cada, concordavam parcialmente e totalmente.

Tabela 97 - Considero como ruins as condições de infraestrutura, iluminação e climatização do meu ambiente de trabalho atual

	Frequência	Porcentagem válida
Concordo parcialmente	48	16.4
Concordo totalmente	48	16.4
Discordo parcialmente	45	15.4
Discordo totalmente	88	30.0



Não se aplica	29	9.9
Nem concordo, nem discordo	35	11.9
Total	293	100.0

Ainda se tratando da infraestrutura, quanto aos equipamentos, os entrevistados tiveram posições próximas: 44% não acham os equipamentos ruins (27,6% dos jornalistas que responderam a questão concordaram parcialmente que os itens não eram bons e 16,4% concordaram totalmente), enquanto 36,9% discordaram que a estrutura de equipamentos é ruim (parcialmente, 13%; discordavam totalmente, 23,9%).

Tabela 98 - Os equipamentos que utilizo, como computador, câmera fotográfica etc. não são bons

	Frequência	Porcentagem válida
Concordo parcialmente	81	27.6
Concordo totalmente	48	16.4
Discordo parcialmente	38	13.0
Discordo totalmente	70	23.9
Não se aplica	24	8.2
Nem concordo, nem discordo	32	10.9
Total	293	100.0

Também se observa similaridade nas respostas quando perguntados se a infraestrutura disponível afeta negativamente o seu desempenho profissional. Tal posição ao encontro das da tabela anterior (98) sobre a satisfação com os equipamentos. 27% discordam totalmente e 13,7% discordam parcialmente que a infraestrutura afeta o trabalho; já 24,9% concordam parcialmente e 13% totalmente. Nesse sentido, é possível afirmar que em torno de 40% dos jornalistas não estão insatisfeitos com a estrutura disponível.



Tabela 99 - A infraestrutura de trabalho disponível afeta negativamente meu desempenho profissional

	Frequência	Porcentagem válida
Concordo parcialmente	73	24.9
Concordo totalmente	38	13.0
Discordo parcialmente	40	13.7
Discordo totalmente	79	27.0
Não se aplica	24	8.2
Nem concordo, nem discordo	39	13.3
Total	293	100.0

Sobre o sentimento de valorização no ambiente de trabalho, os jornalistas da região norte, em sua maioria, concordam que se sentem desvalorizados, sendo 21,8% parcialmente e 24,2% totalmente (46%). Os que discordam parcialmente são 11,3% e os que discordam totalmente 21,2% (32,5%). Se aos que não se sentem desvalorizados somarmos os “indiferentes” (não concordo, nem discordo: 13,7%) infere-se certa acomodação ou baixa expectativa de valorização, pois outras questões que abordaram excesso de trabalho, cansaço, remuneração, assédio e qualidade de vida trouxeram indicativos de trabalho precarizado e/ou de desvalorização. Tais indicadores (baixas remunerações, o acúmulo de empregos para complementação de renda e as jornadas de trabalho que ultrapassam o previsto em lei) foram apontados por Mick e Lima (2013) como indícios da crescente precarização nas condições de trabalho dos jornalistas brasileiros.

Tabela 100 - Me sinto desvalorizada (o) no trabalho

	Frequência	Porcentagem válida
Concordo parcialmente	64	21.8
Concordo totalmente	71	24.2



Discordo parcialmente	33	11.3
Discordo totalmente	62	21.2
Não se aplica	23	7.8
Nem concordo, nem discordo	40	13.7
Total	293	100.0

Perguntados se concordam com a afirmação “Não me sinto suficientemente treinada (o) para as atividades que executo”, a maioria discorda, sendo que 15,7% discordam parcialmente e 36,9% totalmente. A concordância está em 15% (parcialmente) e 9,2% (totalmente). 13% nem concordam, nem discordam.

Tabela 101 - Não me sinto suficientemente treinada (o) para as atividades que executo

	Frequência	Porcentagem válida
Concordo parcialmente	44	15.0
Concordo totalmente	27	9.2
Discordo parcialmente	46	15.7
Discordo totalmente	108	36.9
Não se aplica	30	10.2
Nem concordo, nem discordo	38	13.0
Total	293	100.0

A afirmação “Não tenho liberdade para expressar opiniões/pensamento” tem mais discordância do que concordância entre jornalistas da região norte. 31,7% discordam totalmente e 14,7% parcialmente. Entre os que concordam, o índice ficou em 20,8% entre os parcialmente e 10,9% entre os que concordam totalmente.





Tabela 102 - Não tenho liberdade para expressar opiniões/pensamento

	Frequência	Porcentagem válida
Concordo parcialmente	61	20.8
Concordo totalmente	32	10.9
Discordo parcialmente	43	14.7
Discordo totalmente	93	31.7
Não se aplica	28	9.6
Nem concordo, nem discordo	36	12.3
Total	293	100.0

Sobre o ambiente de trabalho nas relações interpessoais, apenas 20,5% concordam que “A convivência com meus colegas é difícil”, sendo que 15,4% concordam parcialmente e 5,1% totalmente. A discordância apresenta números maiores, com 44% afirmando que discordam totalmente da afirmação e outros 13,7% parcialmente. Esta questão reflete o que foi dito sobre as relações interpessoais no trabalho (tabela 73), que foi considerada positiva, confirmando nossa percepção de que a demonstração de satisfação com o espaço profissional se deve ao relacionamento com os colegas e não com os chefes, gestão ou com a empresa em si.

Tabela 103 - A convivência com meus colegas é difícil

	Frequência	Porcentagem válida
Concordo parcialmente	45	15.4
Concordo totalmente	15	5.1
Discordo parcialmente	40	13.7
Discordo totalmente	129	44.0
Não se aplica	30	10.2



Nem concordo, nem discordo	34	11.6
Total	293	100.0

O resultado é equivalente entre os que concordam e discordam sobre a afirmação de que “os funcionários são excluídos das decisões ligadas diretamente à equipe”. 38,5% concordam, com 20,1% entre os que concordam parcialmente e 18,4% entre os que concordam parcialmente. A discordância soma 37,2%, sendo 11,9% entre os que discordam parcialmente e 25,3% entre os que discordam totalmente. Os que nem concordam nem discordam ficaram em 13,3%.

Tabela 104 - Os funcionários são excluídos das decisões ligadas diretamente à equipe

	Frequência	Porcentagem válida
Concordo parcialmente	59	20.1
Concordo totalmente	54	18.4
Discordo parcialmente	35	11.9
Discordo totalmente	74	25.3
Não se aplica	32	10.9
Nem concordo, nem discordo	39	13.3
Total	293	100.0

Os jornalistas da região norte conseguem, em sua maioria, estabelecer um limite claro entre sua vida familiar e laboral. Pelo menos é o que afirmam 58% (soma dos 30% entre os concordantes parcialmente e 28,3% entre os que concordam totalmente). O índice de quem discorda é de 29%, sendo 18,7% entre os que discordam parcialmente e 10,9% entre os que discordam totalmente.



Tabela 105 - Consigo estabelecer limites claros entre vida familiar e laboral

	Frequência	Porcentagem válida
Concordo parcialmente	88	30.0
Concordo totalmente	83	28.3
Discordo parcialmente	53	18.1
Discordo totalmente	32	10.9
Não se aplica	7	2.4
Nem concordo, nem discordo	30	10.2
Total	293	100.0

Ainda sobre a relação entre trabalho e família, a maioria dos jornalistas da região norte concorda que consegue falar abertamente da vida laboral com seus parentes, sendo que 22,2% concordam parcialmente com a afirmação e 57,3% totalmente. Na discordância, o índice é baixo: 7,5% discordam parcialmente e 4,4% discordam totalmente.

Tabela 106 - Consigo falar abertamente da minha atividade laboral no ambiente familiar

	Frequência	Porcentagem válida
Concordo parcialmente	65	22.2
Concordo totalmente	168	57.3
Discordo parcialmente	22	7.5
Discordo totalmente	13	4.4
Não se aplica	8	2.7
Nem concordo, nem discordo	17	5.8
Total	293	100.0



Sobre a afirmação “Meu empregador oferece um sistema de incentivo a uma relação balanceada entre trabalho e família”, a maioria das respostas se concentrou entre os que não discordavam nem concordam (22,5%), ou na opção “não se aplica” (14,7%), conforme mostra a tabela abaixo. Já entre os que concordam, o índice foi de 16% entre os que concordavam parcialmente e 11,9% entre os que concordavam totalmente. A discordância somou percentual maior, sendo 23,9% entre os que discordavam totalmente e 10,9% entre os que discordavam parcialmente.

Tabela 107 - Meu empregador oferece um sistema de incentivo a uma relação balanceada entre trabalho e família

	Frequência	Porcentagem válida
Concordo parcialmente	47	16.0
Concordo totalmente	35	11.9
Discordo parcialmente	32	10.9
Discordo totalmente	70	23.9
Não se aplica	43	14.7
Nem concordo, nem discordo	66	22.5
Total	293	100.0

Na afirmação “Consigo planejar, gerir e priorizar minha vida pessoal e familiar”, 31,4% dos respondentes concordam parcialmente e 18,4% totalmente. Ou seja, quase 50% acreditam que conseguem ter planejamento e priorizar a família, mesmo com a rotina de carga horária elevada, mais de mais de um emprego, já pontuados neste estudo.

Tabela 108 - Consigo planejar, gerir e priorizar minha vida pessoal e familiar

	Frequência	Porcentagem válida
Concordo parcialmente	92	31.4
Concordo totalmente	54	18.4



Discordo parcialmente	48	16.4
Discordo totalmente	46	15.7
Não se aplica	7	2.4
Nem concordo, nem discordo	46	15.7
Total	293	100.0

54,6% concordam ter tempo para cuidar de si (33,8% parcialmente e 20,8% totalmente). Na discordância em relação à afirmação: 17,4% parcialmente e 13% totalmente. Pouco mais de 30% dizem não ter tempo para si. As respostas a essas questões de conseguir separar o tempo do trabalho e da família e a relação/priorização da família (tabelas 105 e 108), são complementadas com a da tabela 109 sobre o cuidar de si. Ao se observar os índices, parece ser um mesmo grupo que demonstra certa tranquilidade no aspecto pessoal/profissional, apesar de suas rotinas produtivas difíceis, a nosso ver, em contexto de precarização do trabalho, como já pontuamos. Por outro lado, também parece ser o mesmo grupo, em torno de 13%, que geralmente se coloca indiferente às questões.

Tabela 109 - Tenho tempo para cuidar de mim mesma (o)

	Frequência	Porcentagem válida
Concordo parcialmente	99	33.8
Concordo totalmente	61	20.8
Discordo parcialmente	51	17.4
Discordo totalmente	38	13.0
Não se aplica	6	2.0
Nem concordo, nem discordo	38	13.0
Total	293	100.0

Questionados se trabalham em um ambiente saudável, 60,4% concordam com a afirmação, sendo 29,7% totalmente e 30,4% parcialmente. 8,5% discordam totalmente e outros



15,7% parcialmente. A alta incidência de pessoas que dizem trabalhar em ambiente saudável reflete o que foi dito sobre as relações interpessoais no trabalho (tabela 73), sobre as relações positivas com os colegas (tabela 103).

Tabela 110 - Trabalho em um ambiente saudável

	Frequência	Porcentagem válida
Concordo parcialmente	89	30.4
Concordo totalmente	87	29.7
Discordo parcialmente	46	15.7
Discordo totalmente	25	8.5
Não se aplica	4	1.4
Nem concordo, nem discordo	42	14.3
Total	293	100.0

As respostas da tabela abaixo mostram que os jornalistas costumam realizar uma avaliação contínua da sua vida pessoal e familiar. O índice de concordância foi de 53,6%, sendo 30,4% parcialmente e 23,2% totalmente. A discordância 24,2%, sendo 11,9% totalmente e 12,3% parcialmente. Os que não concordavam nem discordavam são 18,1% na pesquisa.

Tabela 111 - Realizo uma avaliação contínua da minha vida pessoal e familiar

	Frequência	Porcentagem válida
Concordo parcialmente	89	30.4
Concordo totalmente	68	23.2
Discordo parcialmente	36	12.3
Discordo totalmente	35	11.9
Não se aplica	12	4.1



Nem concordo, nem discordo	53	18.1
Total	293	100.0

Apesar do trabalho laboral com pegadas de precarização, a atividade profissional do jornalista da região norte não influencia negativamente suas situações conjugais. Apenas 19,4% dos respondentes concordam que sim. Outros 41,9% discordavam que o trabalho influenciava, sendo 30% totalmente e 11,9% parcialmente. Houve um número lato dos que responderam “não se aplica”, com 27%. Pode ser que os que colocaram não se aplica é porque não estão com nenhum parceiro(a).

Tabela 112 - Minha atividade profissional influencia negativamente na minha atual situação conjugal

	Frequência	Porcentagem válida
Concordo parcialmente	36	12.3
Concordo totalmente	18	6.1
Discordo parcialmente	35	11.9
Discordo totalmente	88	30.0
Não se aplica	79	27.0
Nem concordo, nem discordo	37	12.6
Total	293	100.0

A pesquisa também questionou os jornalistas da região norte sobre a percepção deles em relação a sentimentos de alegria, disposição, calma e tranquilidade. Quando se trata de estarem alegres e bem-dispostos, 30,7% responderam “a maior parte do tempo”; 21,5% “mais da metade do tempo”; 15% “algumas vezes”. “Menos da metade do tempo” alcançou 21,8%, enquanto “nunca”, 3,4%, somando estes chegam a 25,2% os que se sentem felizes por menos tempo. Mas o índice geral, com mais de 50% de respondentes que se sentem



felizes e bem-dispostos é positivo, especialmente se relacionarmos com o que disseram sobre stress acúmulo de trabalho.

Tabela 113 - Me senti alegre e bem-disposta (o)

	Frequência	Porcentagem válida
A maior parte do tempo	90	30.7
Algumas vezes	44	15.0
Mais da metade do tempo	63	21.5
Menos da metade do tempo	64	21.8
Nunca	10	3.4
Todo o tempo	22	7.5
Total	293	100.0

Sobre se sentir calmo e tranquilo, 28,3% dos jornalistas responderam “a maior parte do tempo”; 27, % “menos da metade do tempo”; 20,8% “mais da metade do tempo” e 11,9% “algumas vezes”. Apenas 5,5% informaram “nunca”. “Todo o tempo” alcançou 6,5%. Mais um índice que parece favorável, pois se juntarmos os 27% (maior parte do tempo) com os 20% (mais da metade do tempo), temos 47%, o que é razoável para quem trabalha com jornalismo.

Tabela 114 - Me senti calma (o) e tranquila (o)

	Frequência	Porcentagem válida
A maior parte do tempo	83	28.3
Algumas vezes	35	11.9
Mais da metade do tempo	61	20.8
Menos da metade do tempo	79	27.0
Nunca	16	5.5





Todo o tempo	19	6.5
Total	293	100.0

Os jornalistas da região norte, em sua maioria, se sentem ativos e enérgicos: 25,9% “a maior parte do tempo”, 22,2% “mais da metade do tempo” e 9,6% o “todo o tempo”. Na outra ponta, 22,9% “menos da metade do tempo”, 14,7% “algumas vezes” e 4,8% “nunca”. Neste ponto, pode-se dizer que há proximidade nas sensações dos dois grupos: os mais ativos (54,7%) e os menos ou nunca ativos (45,3%).

Tabela 115 - Me senti ativa (o) e enérgica (o)

	Frequência	Porcentagem válida
A maior parte do tempo	76	25.9
Algumas vezes	43	14.7
Mais da metade do tempo	65	22.2
Menos da metade do tempo	67	22.9
Nunca	14	4.8
Todo o tempo	28	9.6
Total	293	100.0

A percepção dos jornalistas da região norte sobre o sentimento de relaxamento ao acordar também foi aferida. Nesse aspecto, 19,5% responderam a “maior parte do tempo”, 18,4% “mais da metade do tempo” e 5,5% “todo o tempo”, somando 43,4%. Porém, a percepção contrária teve índices maiores, com “algumas vezes” (22,9%), “menos da metade do tempo” (21,8%) e “nunca” (11,9%), somando 56,6%. Assim, é possível afirmar que a maioria não se sente relaxada ao acordar.



Tabela 116 - Acordei me sentindo relaxada (o) e repousada (o)

	Frequência	Porcentagem válida
A maior parte do tempo	57	19.5
Algumas vezes	67	22.9
Mais da metade do tempo	54	18.4
Menos da metade do tempo	64	21.8
Nunca	35	11.9
Todo o tempo	16	5.5
Total	293	100.0

Mais da metade dos jornalistas, 50,9%, diz que preenchem o seu dia-dia com coisas que interessam a eles, sendo que 21,2% responderam “a maior parte do tempo”, 20,8% “mais da metade do tempo” e 8,9% o “todo o tempo”. Na contramão, 23,9% responderam “algumas vezes”, 20,8% “menos da metade do tempo” e 4,4% “nunca”.

Tabela 117 - Meu dia a dia tem sido  
preenchido com coisas que me interessam

	Frequência	Porcentagem válida
A maior parte do tempo	62	21.2
Algumas vezes	70	23.9
Mais da metade do tempo	61	20.8
Menos da metade do tempo	61	20.8
Nunca	13	4.4
Todo o tempo	26	8.9
Total	293	100.0



Sobre as condições de saúde, dores no corpo são sentidas por jornalistas da região norte “de vezes em quando” em 33,8% dos respondentes. 28% escolheram a opção “com frequência”, 23,2% “diariamente” e 11,9% “raramente”. Apenas 3,1% responderam “nunca”. Ou seja, 57% dos respondentes sentem dores com frequência ou diariamente.

Tabela 118 - Dores no corpo (braços, pernas, costas, mãos, pés...)

	Frequência	Porcentagem válida
Com frequência	82	28.0
De vez em quando	99	33.8
Diariamente	68	23.2
Nunca	9	3.1
Raramente	35	11.9
Total	293	100.0

Quando perguntados sobre os tipos de dores ou incômodos que sentem (tabelas 119, 120, 121 e 122) percebe-se maior incidência em alterações de sono (49,8%, somando as opções com frequência e diariamente), seguindo de dor de cabeça (37,3%), distúrbios digestivos (34,3%) e alterações no apetite (30,6%). Já os casos em que a ocorrência é rara ou nunca, a opção alteração de apetite foi a mais citada, com (40,2%) seguida de distúrbios digestivos (39,5%, dor de cabeça (28,4%) e alteração do sono (22,1%). Resumindo, os jornalistas têm mais problemas com o sono e menos problemas relacionados ao apetite.

Tabela 119 - Dor de cabeça

	Frequência	Porcentagem válida
Com frequência	82	28.1
De vez em quando	100	34.2
Diariamente	27	9.2



Nunca	14	4.8
Raramente	69	23.6
Total	293	100.0

Tabela 120 - Distúrbios digestivos

	Frequência	Porcentagem válida
Com frequência	67	23.0
De vez em quando	76	26.1
Diariamente	33	11.3
Nunca	32	11.0
Raramente	83	28.5
Total	293	100.0

Tabela 121 - Alterações no sono

	Frequência	Porcentagem válida
Com frequência	88	30.0
De vez em quando	82	28.0
Diariamente	58	19.8
Nunca	13	4.4
Raramente	52	17.7
Total	293	100.0

Tabela 122 - Alterações no apetite

	Frequência	Porcentagem válida
Com frequência	64	22.0
De vez em quando	85	29.2



Diariamente	25	8.6
Nunca	40	13.7
Raramente	77	26.5
Total	293	100.0

A pesquisa também analisou a periodicidade da ocorrência de situações provenientes de relações interpessoais. Quanto aos conflitos resultantes do labor, 36,5% responderam “raramente”. 27%, “de vez em quando”, 18,8%, “nunca”, 13,7%, “com frequência” e apenas 4,1% “diariamente”. Se juntarmos “raramente” e “nunca”, podemos dizer que um pouco mais da metade dos entrevistados considera que há pouca dificuldade nas relações. Por outro lado, quase 5% ter conflito diariamente chama a atenção.

Tabela 123 - Dificuldades nas relações de trabalho

	Frequência	Porcentagem válida
Com frequência	40	13.7
De vez em quando	79	27.0
Diariamente	12	4.1
Nunca	55	18.8
Raramente	107	36.5
Total	293	100.0

Sobre conflitos nas relações familiares, 35,2% responderam “raramente”, enquanto 34,1% “de vez em quando”, sendo as duas opções mais citadas. “Com frequência” foi apontado por 8,2%, “nunca” por 19,8% e “diariamente” por apenas 2,7%.



Tabela 124 - Conflitos nas relações familiares

	Frequência	Porcentagem válida
Com frequência	24	8.2
De vez em quando	100	34.1
Diariamente	8	2.7
Nunca	58	19.8
Raramente	103	35.2
Total	293	100.0

Quando o assunto é agressividade, o indicador “raramente” é citado por 35,3% dos jornalistas da região norte; “de vez em quando” por 28,1%; “nunca” por 22,3%; “com frequência” por 11% e “diariamente” por 3,4%. “Raramente” e “nunca”, juntos, somam 57,6%, sendo a maioria. Mas, para um item como agressividade, 14% ocorrendo com frequência ou todo dia pode ser considerado um índice alto.

Tabela 125 - Agressividade

	Frequência	Porcentagem válida
Com frequência	32	11.0
De vez em quando	82	28.1
Diariamente	10	3.4
Nunca	65	22.3
Raramente	103	35.3
Total	292	100.0

Ainda na linha dos sentimentos e comportamentos, o indicador tristeza aparece para mais de 50% dos jornalistas da região norte, sendo “com frequência” para 23%, “de vez em quando” para 34% e “diariamente” para 7,2%. “Nunca” foi citado por 10% e “raramente” por



25,8%.

Tabela 126 - Tristeza

	Frequência	Porcentagem válida
Com frequência	67	23.0
De vez em quando	99	34.0
Diariamente	21	7.2
Nunca	29	10.0
Raramente	75	25.8
Total	291	100.0

A percepção da perda do sentimento de autoconfiança é outro indicador importante de ser medido. O resultado corresponde a: “de vez em quando”, 32,2% dos jornalistas da região norte; “com frequência”, 21,9%; “raramente”, 20,2%; “nunca”, 16,1% e “diariamente”, 9,6%. Em comparação à tristeza, a resposta é similar, embora o sentimento de perda de confiança seja um pouco superior (54,1%, juntando “de vez em quando”, “com frequência” e “diariamente”).

Tabela 127 - Perda de autoconfiança

	Frequência	Porcentagem válida
Com frequência	64	21.9
De vez em quando	94	32.2
Diariamente	28	9.6
Nunca	47	16.1
Raramente	59	20.2
Total	292	100.0

Quanto ao cansaço extremo, é uma percepção que surgiu “de vez em quando” para



32,5% dos respondentes, “com frequência” para 25,3% e “diariamente” para 18,5%, o que demonstra elevado grau de desgaste físico para a maioria dos jornalistas da região norte. Na outra ponta, 13,4% citaram “raramente” e 10,3% “nunca”.

Tabela 128 - Cansaço extremo

	Frequência	Porcentagem válida
Com frequência	74	25.3
De vez em quando	95	32.5
Diariamente	54	18.5
Nunca	30	10.3
Raramente	39	13.4
Total	292	100.0

O cansaço pode ter relação com igual elevado nível de stress, que aparece “com frequência” para 27,3% dos profissionais de jornalismo. “Diariamente” alcançou 21,5% e “de vez em quando” outros 30%. Ao juntarmos todas as incidências em que o stress aparece de alguma forma, temos que 78,8% dos respondentes lidam com stress.

Tabela 129 - Stress

	Frequência	Porcentagem válida
Com frequência	80	27.3
De vez em quando	88	30.0
Diariamente	63	21.5
Nunca	24	8.2
Raramente	38	13.0
Total	293	100.0





## 7 Código de Ética e valores

O estudo analisou também o conhecimento dos jornalistas sobre o Código de Ética do Jornalista Brasileiro. Na região norte, 77,1% dizem que conhecem. Dos que responderam positivamente, 38,9% avaliam o documento como “atual, mas insuficiente e incompleto”. Outros 26,1% disseram que o código é “desatualizado, insuficiente e incompleto” e 21,2% como “desatualizado, mas suficiente e completo”. Apenas 13,7% afirmaram que é “atual, suficiente e completo”, como se pode conferir nas tabelas 130 e 131.

Tabela 130 - Você conhece o Código de Ética do Jornalista Brasileiro?

	Frequência	Porcentagem válida
Não	67	22.9
Sim	226	77.1
Total	293	100.0

Tabela 131 - Você considera que este código é:

	Frequência	Porcentagem válida
Atual, mas insuficiente e incompleto	88	38.9
Atual, suficiente e completo	31	13.7
Desatualizado, insuficiente e incompleto	59	26.1
Desatualizado, mas suficiente e completo	48	21.2
Total	226	100.0

Quanto aos valores éticos, a credibilidade é vista como “extremamente importante” para 88,4% dos jornalistas da região norte. 9,9% consideram “muito importante”, 1,4% “mais ou menos importante”, e 0,3% “pouco importante”. Quando quase 2% não vê muita importância em um princípio como a credibilidade, é preciso avaliar, já que manter a credibilidade – e lutar por ela – é inerente à prática do jornalismo, independente da atividade exercida ou



do local de atuação.

Tabela 132 - Credibilidade

	Frequência	Porcentagem válida
Extremamente importante	258	88.4
Mais ou menos importante	4	1.4
Muito importante	29	9.9
Pouco importante	1	0.3
Total	292	100.0

Por outro lado, a diversidade é muito valorizada entre os jornalistas nortistas. É vista como “extremamente importante” para 62% e “muito importante” para 30,5%. “Mais ou menos importante” foi indicado por 5,8% e apenas 1,4% e 0,3% acreditam ser “pouco importante” e “sem importância”, respectivamente.

Tabela 133 - Diversidade

	Frequência	Porcentagem válida
Extremamente importante	181	62.0
Mais ou menos importante	17	5.8
Muito importante	89	30.5
Pouco importante	4	1.4
Sem importância	1	0.3
Total	292	100.0

O equilíbrio é outro valor considerado importante para os jornalistas da região norte: 68,9% acreditam ser “extremamente importante”, 29,1% “muito importante”, 1,7% “mais ou menos importante” e 0,3% “pouco importante”.



Tabela 134 - Equilíbrio

	Frequência	Porcentagem válida
Extremamente importante	199	68.9
Mais ou menos importante	5	1.7
Muito importante	84	29.1
Pouco importante	1	0.3
Total	289	100.0

Já a imparcialidade, um valor jornalístico que transcende o debate do próprio jornalismo, foi o que teve o menor índice percentual em relação à opção “extremamente importante”, com 59,1%. “Muito importante” é considerado por 26,8%, “mais ou menos importante” por 9,6%, “pouco importante” por 2,4% e “sem importância” por 2,1%.

Tabela 135 - Imparcialidade

	Frequência	Porcentagem válida
Extremamente importante	172	59.1
Mais ou menos importante	28	9.6
Muito importante	78	26.8
Pouco importante	7	2.4
Sem importância	6	2.1
Total	291	100.0

O valor de Justiça apresentou elevado grau de consideração por jornalistas da região norte, sendo que 80,1% dos respondentes acreditam ser “extremamente importante”, 17,5% “muito importante”, 1,7% “mais ou menos importante”. “Pouco importante” e “sem importância” ficaram em 0,3%, cada.



Tabela 136 - Justiça

	Frequência	Porcentagem válida
Extremamente importante	234	80.1
Mais ou menos importante	5	1.7
Muito importante	51	17.5
Pouco importante	1	0.3
Sem importância	1	0.3
Total	292	100.0

Sobre a liberdade, é “extremamente importante” para 87% dos jornalistas, “muito importante” para 12%. “Mais ou menos importante” e “pouco importante” foram citados por 0,7% e 0,3%, respectivamente.

Tabela 137 - Liberdade

	Frequência	Porcentagem válida
Extremamente importante	254	87.0
Mais ou menos importante	2	0.7
Muito importante	35	12.0
Pouco importante	1	0.3
Total	292	100.0

Em relação à objetividade, 61,6% consideram “extremamente importante”, outros 31,8% “muito importante” e 5,5% “mais ou menos importante”.



Tabela 138 - Objetividade

	Frequência	Porcentagem válida
Extremamente importante	180	61.6
Mais ou menos importante	16	5.5
Muito importante	93	31.8
Pouco importante	2	0.7
Sem importância	1	0.3
Total	292	100.0

A pluralidade é vista como “extremamente importante” para 69,5%. Os que acreditam ser “muito importante” ficaram em 27,1%. Já outros 2,1% consideraram como “mais ou menos importante”, enquanto 1% apontou ser “pouco importante” e 0,3% “sem importância”.

Tabela 139 - Pluralidade

	Frequência	Porcentagem válida
Extremamente importante	203	69.5
Muito importante	79	27.1
Mais ou menos importante	6	2.1
Pouco importante	3	1.0
Sem importância	1	0.3
Total	292	100.0

A transparência é outro valor jornalístico bem visto pelos jornalistas da região norte, sendo que 86,9% entendem ser “extremamente importante”. Outros 12,4% acreditam ser “muito importante”. “Mais ou menos importante” e “pouco importante” ficaram com 0,3%,



cada.

Tabela 140 - Transparência

	Frequência	Porcentagem válida
Extremamente importante	253	86.9
Muito importante	36	12.4
Mais ou menos importante	1	0.3
Pouco importante	1	0.3
Total	291	100.0

A verdade foi o valor jornalístico com a maior porcentagem positiva, sendo “extremamente importante” para 92,6% dos jornalistas da região norte. Outros 6,5% disseram ser “muito importante”. Apenas 0,7% apontaram como “mais ou menos importante” e 0,3% como “pouco importante”.

Tabela 141 - Verdade

	Frequência	Porcentagem válida
Extremamente importante	269	92.4
Mais ou menos importante	2	0.7
Muito importante	19	6.5
Pouco importante	1	0.3
Total	291	100.0

Questionados sobre as condições profissionais para atuar dentro da ética jornalística, 82,5% responderam possuir condições totais para isso. 14,7% disseram que possuem condições parciais e apenas 2,7% confirmaram não ter qualquer condição. Mesmo sendo pouco



menos de 3%, há de se considerar o porquê deste grupo não se sentir em condições para seguir a ética. Ao serem perguntados sobre o que os impede de exercer o jornalismo eticamente (tabela 143), as respostas mais citadas foram “pressão de anunciantes, patrões, governos e outros”, com 54,9%. Logo atrás aparece a “sobrecarga de trabalho e falta de tempo”, com 45,1%. O “desestímulo e dificuldades no local de trabalho” foi outra resposta também citada, por 35,3% dos jornalistas.

Tabela 142 - Você considera que tem condições profissionais para atuar dentro da ética jornalística?

	Frequência	Porcentagem válida
Não, não tenho	8	2.7
Parcialmente	43	14.7
Sim, tenho condições totais para isso	241	82.5
Total	292	100.0

Tabela 143 - O que impede que você exerça o jornalismo eticamente?

	Frequência	Porcentagem válida
Desestímulo e dificuldades no local de trabalho	18	35.3
Despreparo técnico	7	13.7
Outro. Qual?	4	7.8
Pressão de anunciantes, patrões, governos ou outros	28	54.9
Sobrecarga de trabalho e falta de tempo	23	45.1
Trabalho fora da mídia	8	15.7
Total respondentes	51	100.0
Total respostas	139	



## 7 Considerações

O recorte do Norte da pesquisa Perfil do jornalista brasileiro 2021, descrito neste relato, revelou aspectos importantes sobre o perfil, a formação e o mercado de trabalho dos profissionais da região. A maioria dos jornalistas está no Amazonas, é mulher, tem entre 31 e 40 anos e majoritariamente negras (pardas e pretas). O jornalismo é a principal área de formação, com 91,4%.

O estudo dividiu a categoria em três setores: Na mídia (60,4%), fora da mídia (35%) e na docência (4,6%). Dos que trabalham na mídia, o segmento *online* é o que mais emprega, com 34,8%, confirmando a tendência atual de centralidade do digital como suporte ao jornalismo. Na sequência, os mais indicados foram televisão (20,2%) e rádio (13,1%). Houve um número significativo de pessoas que responderam a opção “Outra” (9,4%), mas parece ter havido algum equívoco na interpretação da pergunta, pois várias respostas indicavam portais de notícias, sites e até mesmo assessoria de imprensa (esse caso, fora da mídia). Vale destacar que essa confusão das atividades pode ser consequência do quadro de transformações provocadas pelas mídias digitais e pelas redes sociais. E, como lembram Lima et al (2022) é possível que a distinção entre atividades da mídia e fora da mídia esteja se diluindo. Uma coisa é fato: os jornalistas estão executando várias tarefas e atividades que não são consideradas eminentemente jornalísticas. Como nominar? Onde encaixar? É um indicativo da necessidade de se repensar as categorizações, gêneros e atividades do jornalismo.

A atividade jornalística mais pontuada pelos jornalistas da região é a reportagem e o cargo mais ocupado também é o de repórter. As redações no Norte são pequenas, com equipes de até 10 jornalistas sendo a maioria dos casos. Destaca-se, ainda, o fato de que 16,5% trabalham sozinhos.

Vários indicadores sinalizam precarização do trabalho jornalístico no Norte. Em termos dos tipos de contratação no trabalho principal, os jornalistas com carteira assinada (CLT) correspondem à maior parcela, com 34%, menos que o índice nacional, que é 45,8%. Frisa-se certa influência da administração pública no mercado de trabalho do jornalismo da região norte, pois os servidores públicos são 22,5% dos empregados, enquanto os que são comissionados somam 16,7%, ocupando a segunda e terceira respostas mais citadas, respectivamente. Já os que estão com vínculos mais precários (como *freelancers*, prestação de





serviços sem contrato, Pessoa Jurídica/PJ e Microempreendedor Individual/MEI) chegam a 20,4%, um pouco mais baixo que o índice do Brasil (24%). Ainda assim, pode-se considerar alto o número de jornalistas em situação instável ou precária, especialmente quando associamos a outros indicadores como salários, tempo de emprego e quantidade de empregos/trabalho.

Seguindo na avaliação do aspecto precarização, três dados se destacam: 1) o primeiro refere-se ao ensino superior, pois embora a maioria (41,9%) tenha feito graduação, os dados indicam uso de mão-de-obra ainda não graduada em níveis altos (15,6%), somando os que possuem apenas ensino médio e os que ainda cursam a graduação; 2) a segunda questão tem a ver com o tempo de atuação dos profissionais de jornalismo no mercado, cuja maioria (47,9%) tem até 10 anos, sendo a maior parcela entre 2 e 5 anos, com 21,9%; 3) do ponto de vista do salário e dos vínculos empregatícios percebe-se que o jornalista da região ganha menos que a média nacional e carreiras instáveis, pois 77,3% ganham até R\$ 5.500 e a maior parte destes (21,9%) recebe de R\$ 2.201 a R\$ 3.300. Os que tiveram de 6 a 10 vínculos de emprego chegam a 27,9%, índice maior que o registrado para a mesma faixa no Brasil (24,3%).

A situação dos jornalistas da região norte ainda piora, uma vez que 49,2% afirmaram que não recebem qualquer tipo de benefício vinculado à sua ocupação principal. Ou seja, não há outro incentivo (vale-alimentação, auxílio-creche, plano de saúde etc.) além do salário mensal.

Outra questão a ser considerada é a jornada de trabalho. A média mais citada pelos jornalistas da região está entre 7 e 8 horas (32,4%). Contudo, percebe-se um número alto na soma das médias de 9 a 10 horas com a de 11 a 12 horas e a de 13 horas ou mais, chegando a 44,2%. Associando a isso os vários locais de trabalho, o uso de equipamentos próprios e a alta carga horária de trabalho, é perceptível que os jornalistas no Norte estão trabalhando em condições desfavoráveis.

Quando se trata de oportunidades de avanço na carreira em seu atual cargo principal, 39,9% dos entrevistados expressaram satisfação, enquanto apenas 24,2% se disseram insatisfeitos. Parece contraditório que quase 40% dos entrevistados estejam satisfeitos com suas perspectivas de promoção, dada a situação precária do trabalho jornalístico já mencionada. Essa resposta pode estar mais relacionada às expectativas e ao desejo de um emprego



mais estável e bem remunerado que permita reduzir o ritmo de trabalho em vários locais. Talvez isso seja reflexo da própria instabilidade do mercado, que, como apontam pesquisas, têm diminuído ofertas de emprego, muitos veículos fechando ou migrando para formato totalmente digital e, com isso, enxugando as redações. Outro ponto a se observar é que, sendo maioria mulheres, negras e com idades acima de 30 anos, a estabilidade gera mais segurança.

Em relação às características do trabalho, os dados apontam para um quadro de instabilidade e precarização, num contexto de um mercado de mídia pouco vigoroso em termos de oferta de emprego, estrutura e de remuneração. Esse cenário pode ser representado por: a) alta rotatividade nas redações (51,8% dos respondentes está há até três anos no seu trabalho principal, 24,5% até um ano e a maior parcela na faixa entre 1 e 3 anos, com 27,3%); b) grande número de jornalistas trabalhando com equipamentos próprios (embora a maioria trabalhe com equipamento fornecidos pela empresa, 35,6% disseram que os itens são próprios e 0,6% afirmaram que usam de familiares, ou seja, mais de 36% precisam usar os próprios equipamentos para trabalhar); c) múltiplos empregos/trabalhos (45% disseram que têm outras ocupações: sendo que 31,5% possuem dois empregos; 11,8% trabalham em três lugares e, surpreendentemente, tem jornalista que atua em quatro ou mais empregos/atividades (1,7%). Os dados refletem o que já destacamos neste trabalho sobre a estrutura frágil de mídia na região norte. Há poucos veículos tradicionais consolidados e as iniciativas independentes são recentes. Segundo o Atlas da Notícia (2023), a região tem o menor mercado de mídia regional no país, contando com pouco mais de 1.000 veículos registrados.

Sobre os indicadores de saúde e de segurança, percebe-se que essa rotina desgastante e a condição laboral, incluindo as incidências de assédio moral e sexual, principalmente, trazem consequências para a saúde dos jornalistas da região norte. E chama a atenção certa passividade ou normalização dos jornalistas frente às situações que vivenciam. Entre os dados mais relevantes, destacamos: a) 59,9% assumiram que se sentem estressados, enquanto outros 40,1% disseram que não; 35,3% já foram diagnosticados com estresse e 20% com algum transtorno mental relacionado ao seu trabalho de jornalista; b) Os diagnosticados com algum tipo de sintoma de LER/DORT chegaram a 22,5%; contudo, apenas 8,2% pegaram licença do trabalho em razão da doença; c) 47,6% dos jornalistas nortistas confirmaram que sofreram algum tipo de assédio moral no trabalho. E surpreende, de certa forma, o índice de assédio sexual, que chega a 17,6%. Mesmo sendo inferior ao assédio em geral,



não se pode ignorar que quase 18% dos jornalistas no Norte foram sexualmente assediados. Caberia investigar melhor se isso tem relação com a questão de gênero, já que a maioria dos jornalistas no Norte é mulher.

Quanto à violência verbal e física, os índices foram 42,3% e 5,3%, respectivamente. Um aspecto que entendemos ser importante pontuar é que os dados mostram um ambiente de trabalho preocupante nas redações jornalísticas da região, demonstrando que os profissionais estão trabalhando vigiados e/ou sob pressão, uma vez que 37,9% relataram que já foram vigiados ou monitorados de forma digital por superiores hierárquicos; 51% já sofreram algum tipo de constrangimento no ambiente de trabalho por parte dos gestores; 26,8% já tiveram de realizar alguma atividade sob coação; e 47,1% já deixaram de fazer alguma atividade profissional por receio de sofrer alguma retaliação de ordem superior. E, se associarmos esse cenário de ambiente pouco saudável para trabalhar à carga horária exaustiva, ao trabalho em mais de um emprego e/ou ao exercício de atividades paralelas distintas da área de atuação, pode-se dizer que os jornalistas no Norte vivem um contexto profissional adverso. No entanto, apesar da situação desfavorável e dos índices altos de assédio e/ou violência, as denúncias ainda estão bem aquém do que tal quadro revela, pois somente 8,2% disseram que já formalizaram denúncia em relação a algum tipo de assédio, ameaça ou agressão.

Por último, há uma questão que nos parece fundamental problematizar, que é o quanto os jornalistas de modo geral, e os que aqui destacamos, podem estar vivendo rotinas de modo tão automático a ponto de não se darem conta de algo básico e necessário, que é a qualidade de vida. Os dados da pesquisa no Norte demonstram que quanto à qualidade de vida, há uma proximidade entre os satisfeitos e os insatisfeitos. Os que responderam positivamente somam 42,5% (33,6% satisfeitos e 8,9% muito satisfeitos), enquanto os que avaliam a qualidade de vida negativa chegam a 29% (21,5% como insatisfeitos e 7,5% como muito insatisfeitos). Uma parcela de 27,3% se mostra indiferente à questão – ou seja, quase 30% dos entrevistados afirmam ser indiferentes à qualidade de vida. Isso é que chama a atenção. Uma hipótese para interpretar essa informação pode ser que o volume de trabalho e as múltiplas atividades podem levar os jornalistas a processos de condicionamento ao trabalho e a uma normalização da rotina, do cansaço e do stress (também apontados como elevados), levando-os a não pensar na necessidade de ter melhor qualidade de vida.



Embora haja muitos outros aspectos que devem ser ponderados, problematizados e discutidos, consideramos aqui os que, para nós, foram mais relevantes. Acreditamos que o volume e a riqueza dos dados oportunizam vários desdobramentos de análises, inclusive de comparações regionais, que poderão ser aprofundados no futuro.

A contribuição deste estudo para a área é muito relevante, principalmente pela dificuldade de termos dados consolidados sobre a profissão e sobre o perfil dos jornalistas em geral e, no Norte, em especial. Levantar informações nesta direção é um esforço que a Rede de Estudos sobre Trabalho e Identidade dos Jornalistas (RETIJ/SBPJOR), que ancora e abarca a presente pesquisa, vem desenvolvendo.

Desta forma, entendendo que esses dados permitem uma reflexão sobre as condições e os desafios do exercício profissional do jornalismo no norte do país, esperamos que seus resultados possam ajudar a se pensar em perspectivas, em possibilidades de desenvolvimento e na qualificação da área na região.



## Referências

AGÊNCIA PÚBLICA. O mapa do jornalismo independente. 2023. Disponível em: <https://apublica.org/mapa-do-jornalismo/>. Acesso em: 7 jun. 2023.

ATLAS DA NOTÍCIA. 2023. Disponível em: <https://www.atlas.jor.br/>. Acesso em: 7 jun. 2023.

BRASIL - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Ministério da Educação (Org.). Censo da Educação Superior 2016. 2016. Disponível em: < <http://portal.inep.gov.br/censo-da-educacao-superior>>. Acesso em: maio, 2023.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS (FENAJ). Violência contra jornalistas cresce 105,77% em 2020, com Jair Bolsonaro liderando ataques. 2020. Disponível em: <https://fenaj.org.br/violencia-contrajornalistas-cresce-10577-em-2020-com-jair-bolsonaro-liderando-ataques/>. Acesso em: 08 jun. 2023.

FIGARO, Roseli (Coord.); NONATO, Cláudia e GROHMANN, R. As mudanças no mundo do trabalho do Jornalista. São Paulo: Atlas, 2013.

FIGARO, Roseli (org). As relações de comunicação e as condições de produção no trabalho de jornalistas em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia. São Paulo: ECA/USP, 2018.

IBGE. Censo 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/22827-censo-demografico-2022.html>. Acesso em: 08 jun. 2023.

JORNALISTA - SALÁRIO, PISO SALARIAL, O QUE FAZ E MERCADO DE TRABALHO EM JORNALISMO. Salário, 2023. Disponível em: <https://www.salario.com.br/profissao/jornalista->



[cbo-261125/](#). Acesso em 5 de maio de 2023.

LIMA, Samuel Pantoja et al. Perfil do jornalista brasileiro 2021: características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico. Florianópolis: Projor - Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo, 2022.

[MARANHÃO, Ana Carolina Kalume. O jornalista brasileiro: análise das competências em um contexto de mudança no ambiente profissional provocada pela inserção das Tecnologias da Informação e Comunicação. 2014. 346 f. Tese \(Doutorado em Comunicação\) - Universidade de Brasília, Brasília, 2014.](#)

[MICK, Jacques; LIMA, Samuel \(Orgs.\). Perfil do jornalista brasileiro: características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012. Florianópolis: Insular, 2013.](#)

O JORNALISMO FRENTE ÀS REDES DE ÓDIO NO BRASIL. Repórteres sem fronteiras, s.p. 2022. Disponível em: [https://rsf.org/sites/default/files/rsf\\_brasil\\_relatorio\\_final.pdf](https://rsf.org/sites/default/files/rsf_brasil_relatorio_final.pdf). Acesso em: 08 jun. 2023.

[PEREIRA, Fábio Henrique. As diferentes maneiras de ser jornalista: um estudo sobre as carreiras profissionais no jornalismo brasileiro. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2020.](#)

PINTO, P. A. Brasil e as suas mídias regionais: estudos sobre as regiões Norte e Sul. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2017.

PORTAL AMAZÔNIA, 2023. Disponível em: <https://portalamazonia.com/estados/amazonia-internacional/entenda-a-diferenca-entre-amazonia-legal-internacional-e-regiao-norte>. Acesso em: 15 mai.2023

PORTAL BAIXA MAPAS, 2023. Disponível em: <https://www.baixarmapas.com.br/mapa-da-regiao-norte/>. Acesso em: 15 mai.2023



PORTAL IBGE, 2022. Disponível em: <https://ibge.gov.br/cidades-e-estados/am.html>. Acesso em: 15 mai.2023.

PROJOR. Atlas da Notícia. 2020. Disponível em: <https://www.atlas.jor.br/>. Acesso em: 08 jun. 2023.

ZACARIOTTI, Marluce; ASSIS, I. ; SILVA, V. G. Novos arranjos jornalísticos alternativos: uma investigação em duas capitais do Centro-Norte brasileiro. In: FÍGARO, Roseli; NONATO, Claudia. (Orgs.). Arranjos jornalísticos alternativos e independentes no Brasil: organização, sustentação e rotinas produtivas. 1ed.São Paulo: ECA/USP, 2021, v. 1, p. 96-126.